UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Maria Luíza Tápias Oliveira

O USO DA HQ EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA/SEGUNDA LÍNGUA

CAMPINAS

2021

Maria Luíza Tápias Oliveira

O USO DA HQ EM LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA/SEGUNDA LÍNGUA

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras Português como Língua Estrangeira/Segunda Língua

Orientadora: Profª Drª Ana Cecília Cossi Bizon

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

T162u

Tápias-Oliveira, Maria Luíza, 1998-
O uso da HQ em livros didáticos de português como língua estrangeira/segunda língua / Maria Luíza Tápias Oliveira. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Ana Cecília Cossi Bizon.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Histórias em quadrinhos. 2. Livros didáticos. 3. Português como língua estrangeira. I. Bizon, Ana Cecília Cossi,1966-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The use of comics in textbooks of portuguese as a foreign language/second language
Palavras-chave em inglês:
Comic books, strips, etc
Textbooks
Portuguese as a foreign language
Área de concentração: Linguística Aplicada
Titulação: Licenciado em Letras Português como Língua Estrangeira/Segunda Língua
Banca examinadora:
Meirélen Salviano de Almeida
Daniel dos Santos
Data de entrega do trabalho definitivo: 06-07-2021

AGRADECIMENTOS

Durante esses anos, muitas pessoas me ajudaram e estiveram comigo e gostaria de agradecer a algumas.

À minha professora e orientadora, Ana Cecília, por me apresentar e me ensinar sobre PLE todo esse tempo, além de dialogar comigo ao longo da elaboração deste trabalho.

À minha mãe, Eveline, e ao meu pai, José Roberto, por terem me dado força durante todos esses anos e por terem me ajudado a conseguir chegar até aqui. Muito obrigada por terem me dado acesso à educação que eu tive, muito obrigada por acreditarem em mim e me apoiarem.

Ao meu irmão, João Roberto, que é um grande amigo e que conversou muito comigo, me ajudando a relaxar nos momentos que eu precisava.

À minha avó, Apparecida, que me apoiou nessa trajetória, mesmo não entendendo muito o que eu estava fazendo.

Às minhas amigas Debora e Verônica, que estão nessa jornada do PLE comigo. Muito obrigada por me acompanharem; vocês têm grande parte no fato desse curso ter sido muito divertido, bom e proveitoso.

Às minhas amigas Anna, Dayane, Taíssa, Maria Paula, Mayara, Laura, Carol, Duda e Larissa, por me acompanharam e me acolheram em momentos que precisei de um ombro amigo.

A todos os professores e professoras do curso de Letras pelos ensinamentos e, em especial, às professoras deste curso de PLE.

Agradeço também ao professor Braga Jr. por ter conversado comigo sobre o seu artigo. Isso me ajudou muito na elaboração desta monografia.

RESUMO

Amparado em discussões que perpassam a Linguística Aplicada e a Comunicação Social, este trabalho, de base qualitativo-intepretativista e documental, buscou identificar a presença de Histórias em Quadrinhos (HQs) em alguns Livros Didáticos (LDs) de Português como Língua Estrangeira, bem como apontar os tipos de atividades mais recorrentes elaboradas a partir desses textos. Para atender ao objetivo, inicialmente, apresentou-se um estudo sobre HQ e Arte Sequencial (EISNER, 2010), estabelecendo-se uma definição de HQ para o presente trabalho. Em seguida, discutiu-se o conceito de identidade (WOODWARD, 2000) e, mais especificamente, de identidade nacional, dado que as artes e os textos que compõem uma HQ podem, de diferentes maneiras, sinalizar concepções de nacionalidade e de construções culturais (BRAGA JR., 2015). Dentre outras conclusões, o estudo aponta (i) pouca presença de HQs em LDs de PLE; (ii) ausência mobilização dos aspectos multimodais desse tipo de texto na leitura proposta; (iii) utilização em atividades com pouco ou nenhum potencial de leitura reflexiva e crítica, por serem geralmente ligadas a conhecimento lexical; (iv) apagamento de questões ligadas a construções identitárias e socioculturais que emergem desses textos.

Palavras-chave: História em Quadrinhos; Livro Didático; Português como Língua Estrangeira.

ABSTRACT

Articulating theories from Applied Linguistics and Social Communication areas, this work, a qualitative-interpretative and documentary basis, intends to identify the presence of Comics (HQ) in some Textbooks (LDs) of Portuguese as a Foreign Language, as well as to point out the most recurrent types of activities using these texts. To achieve the objective, initially, a study on Comic and Sequential Art (EISNER, 2010) was presented, and a definition of comics was established for the present work. Then, the concept of identity was discussed (WOODWARD, 2000) and, more specifically, national identity, given that arts and texts of a comic book can, in different ways, signal conceptions of nationality and cultural constructions (BRAGA JR., 2015). Among other conclusions, the study points out that there is (i) little presence of comics in PLE-LDs; (ii) lack of mobilization of multimodal aspects of this type of text in the proposed reading; (iii) little use of HQs in activities with equally little or no potential for reflexive and critical reading - they are generally linked to lexical knowledge; (iv) obliteration of issues related to identity and sociocultural constructions that emerge from these texts.

Keywords: Comics; Textbook; Portuguese as a Foreing Language.

Lista de Figuras		
Número da Tabela	Nome da Tabela	Página
1	*Storyboard* do filme *Lilo e Stitch*	12
2	HQ Turma da Mônica	12
3	*Graphic Novel* Persépolis	14
4	Mangá *Wotakoi - o amor é difícil para otakus*	14
5	Edição extra e especial da revista Epopéia, Editora EBAL	20
6	Revista Grandes Figuras EBAL	20
7	HQ1, página 9 do LD-1	38
8	HQ2, página 15 do LD-1	39
9	HQ3, página 158 a 160 do LD-2	41
10	HQ4, página 28 do LD-3	44
11	HQ5, página 19 do LD-6	46
12	HQ *Gaturro* Original	47
13	HQ6, página 66-67 do LD-7	48
14	HQ7, página 76-77 do LD-7	50
15	HQ8, página 24 do LD-8	52

Lista de Tabelas		
Número da Tabela	Nome da Tabela	Página
1	Levantamento de ocorrências de Arte Sequencial nos LDs	32
2	Categorização das HQs e Arte Sequencial	36

Lista de Quadros		
Número do Quadro	Nome do Quadro	Página
1	HQ como gênero	26
2	Como o presente trabalho entende HQ em comparação com Arte Sequencial	34
3	Como considero HQ e sua utilização nos LD-PLE	35
4	Como considero HQ e sua utilização nos LD-PLE	38
5	Repetição do Quadro 4 de Como considero HQ e sua utilização nos LD-PLE	53

SUMÁRIO	PÁGINA
1. Introdução	9
2. Considerações Teóricas	11
2.1 Arte sequencial e História em Quadrinhos	11
2.1.1 Arte sequencial	11
2.1.2 HQ	15
2.2 Identidade e HQs	17
2.2.1 HQ nacional	21
2.3 LD-PLE/PL2: perspectiva da HQ como gênero	23
3. Metodologia	29
3.1 A constituição do *corpus*: livros didáticos de PLE	29
3.2 Percurso metodológico para a Análise de Dados	31
3.2.1 Leitura I	32
3.2.2 Localização	32
3.2.3 Leitura II	33
3.2.4 Categorização I	33
3.2.5 Leitura III	34
3.2.6 Categorização II	34
4. Análise de Dados	36
4.1 Análise de dados após a Categorização I	36
4.2 Análise individual das HQs por LD (após Categorização II)	37
4.2.1 LD-1	38
4.2.2 LD-2	40
4.2.3 LD-3	43
4.2.4 LD-6	45
4.2.5 LD-7	47
4.2.6 LD-8	51
4.3 Análise geral das HQs após Categorização II	53
5. Considerações finais	55
Referências	57

1. INTRODUÇÃO

“Português como segunda língua/ língua estrangeira”. A primeira vez que ouvi esse nome foi no segundo ano da graduação em Letras-Português como Língua Materna, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Por ter me interessado sobre o assunto, me matriculei na Habilitação em Português como Segunda Língua/Língua Estrangeira (doravante PL2/PLE), que, então, estava se iniciando no IEL. Diferentemente de outro(a)s estudantes que optam pela licenciatura por se identificarem com certos contextos por ela contemplados, meu interesse foi e continua sendo pragmático: a habilitação me permite mais oportunidades de emprego, possivelmente abrindo portas que seriam menos prováveis sem os conhecimentos proporcionados pela habilitação. Entretanto, ao longo dessa trajetória, fui apresentada a teorias que vou levar para meu percurso profissional, tanto no que concerne à língua materna quanto à estrangeira, como interculturalidade, como a importância de se entender as especificidades dos alunos (estrangeiro, refugiado, surdo, indígena), ou o impacto de questões sociais, culturais, econômicas e políticas em projetos de ensino do português como língua estrangeira ou segunda língua.

Para entender melhor meu caminho até o tema desta monografia, é preciso, também, entender o que me levou à História em Quadrinhos. No final de 2018, encontrava-me em dúvida em relação às possibilidades de pesquisa na graduação, até que, por meio da disciplina *Linguagem e suas Tecnologias*, obrigatória para o curso de Letras, meu horizonte sobre o que é Linguística Aplicada e o que eu poderia pesquisar para a monografia da Licenciatura em Letras-Português foi expandido. Tal ampliação permitiu que eu abordasse uma forte e antiga paixão: as histórias em quadrinhos; especificamente para a monografia, a História em Quadrinhos digital conhecida como *Webtoon* (abordada na monografia anterior).

Esse meu interesse por quadrinhos me levou, durante o curso de PL2/PLE, a olhar os livros didáticos (doravante LDs) que nos eram apresentados de modo a procurar pelas formas de arte sequencial (EISNER,2010) que eram usadas. Em tais procuras feitas por diversão, notei que há pouca presença de História em Quadrinhos (doravante HQ) em LDs, muitas vezes até nula. A partir dessa

constatação, expandi um pouco mais minha busca, de forma a averiguar o que acontece em livros didáticos de PLE. Isso me levou à construção do *objetivo* desta pesquisa: **identificar a presença e a utilização da História em Quadrinho nos livros didáticos de português para estrangeiros.**

Para alcançar esse objetivo, tenho como guia as seguintes perguntas de pesquisa:

1. **Há HQs nos LDs pesquisados?**
2. **Que tipos de atividades, com as HQs, são mais recorrentes nesses LDs?**

Este trabalho se justifica porque, além das HQs terem grande potencial semiótico (trabalham com imagem, escrita e onomatopéias), também são textos com grande circulação e fazem parte de diferentes práticas sociais. Assim, essas histórias podem fomentar tarefas/atividades significativas em sala de aula, trazendo aspectos importantes das construções culturais brasileiras e de outros países, e representações das diferentes relações sociais.

Além desta Introdução, esta monografia se organiza em três partes. Nas considerações teóricas, explicito o que são Histórias em Quadrinhos e Arte Sequencial, e a relação que estabelecem com a construção das identidades, especialmente da identidade nacional. Continuo a discussão expondo a HQ como gênero discursivo, e o que isso acarreta para as atividades propostas em um LD. Na terceira seção, sigo com a explicitação da Metodologia de Pesquisa. Na última seção, apresento a Análise dos Dados, em que busco responder às perguntas de pesquisa. Ao fim, apresento as conclusões.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

As considerações aqui realizadas englobam teóricos da Linguística Aplicada, e da Comunicação Social, área que julgo trazer conhecimento significativo para a discussão que proponho.

2.1 Arte sequencial e História em Quadrinhos

Para entender a História em Quadrinhos (doravante HQ), precisamos entrar em contato com alguns conhecimentos advindos da Comunicação Social. Acredito que, antes de explicitar o que são as HQs, é preciso entender o que é Arte Sequencial e onde, nessa perspectiva, se encontra a História em Quadrinhos[1].

2.1.1 Arte Sequencial

Eisner, em seu livro de 2010, "Quadrinhos e Arte Sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista", explica que a Arte Sequencial é

> "veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia" (2010, p. IX)

O autor nos apresenta diversos gêneros dentro desse conceito de Arte Sequencial como, por exemplo, *storyboards*[2]*, graphic novels*[3]*, mangás*[4] e *História em Quadrinhos*. Vejamos alguns exemplos de Arte Sequencial a seguir. Aproveitarei as Figuras 1 e 2, respectivamente um *storyboard* e uma HQ, para

[1] Utilizo o termo História em Quadrinhos e HQ indistintamente.

[2] "O storyboard é um ferramenta útil para a elaboração de guias tanto de textos dramáticos como de textos informativos. Consiste, basicamente, em uma série de desenhos pequenos ordenados que indicam uma sequência de ações.". Em espanhol - "El storyboard es una herramienta útil para la elaboración de guiones,tanto del género dramático como el género informativo. Consiste en una serie de pequeños dibujos ordenados en secuencia de las acciones que se van a filmar o grabar, de manera que la acción de cada escena se presenta en términos visuales" (MEDRANO, 2009, p.1, [traduçã minha]).

[3] De acordo com Eisner (1981[2010], p.148-149), *Graphic Novel* são histórias em quadrinhos mais longas, que tratam de assuntos mais sérios e complexos.

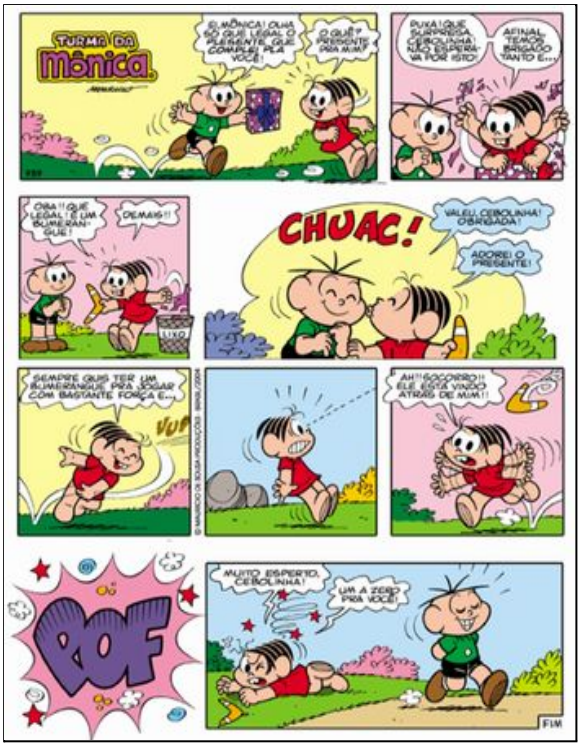
[4] História em Quadrinhos japonesa (MEIRELES, 2005).

fazer uma breve explicação sobre sarjetas; já com as Figuras 3 e 4, uma *graphic novel* e um *mangá*, explicarei a questão do *layout*.

Figura 1: *Storyboard* do filme *Lilo e Stitch.*

Fonte: Disponível em: <https://dreamfarmstudios.com/blog/3d-animation-storyboard/> Acesso: 08/02/21

Figura 2: HQ Turma da Mônica.



Fonte: Disponível em:<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=18938>
Acesso:09/02/21

Os gêneros acima podem ser diferenciados entre si, por exemplo, pelas

sarjetas. *Sarjeta* é o nome dado para o espaço em branco entre os *requadros* do quadrinho, que tem como função não apenas separá-los, mas guiar o sentido da leitura e a tensão emocional da cena. Comparo as figuras 1 a 2, anteriormente mostradas, para observar suas disposições e seus tamanhos diferentes. No *storyboard* da Lilo e Stitch (Figura 1), as *sarjetas* que separam os quadrinhos horizontalmente são menores[5] que aquelas que separam os quadrinhos verticalmente para dar orientação à sequência narrativa. Já na HQ da Mônica e do Cebolinha (Figura 2), ocorre a discrepância no tamanho das *sarjetas*: é menor, de maneira geral, mas a aplicação delas se altera de acordo com a tensão emocional da cena.

Veja as Figuras 3 e 4:

[5] A questão do tamanho das sarjetas no storyboard se dá por uma questão de foco do gênero, que é indicar a ordem dos acontecimentos que serão retratados em um filme, ao invés de contar uma história para um leitor de forma que o emocione. Dessa forma o espaço do storyboard tende a ser utilizado o máximo o possível.

Figura 3: ***Graphic Novel Persépolis*****.**

Fonte: Disponível em: <https://miacarolruiz.medium.com/pers%C3%A9polis-de-marjane-satrapi-ou-como-eu-me-apaixonei-por-quadrinhos-82cbed9a6324> Acesso: 08/02/21

Figura 4: ***Mangá Wotakoi - O amor é difícil para otakus*****.**

Fonte: Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/608126755928244227/> Acesso: 10/02/21

De acordo com Eisner (2010, p.39), a função de todas as formas de *arte sequencial* é “comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras”, envolvendo, nesse processo, “o movimento de certas imagens (como pessoas e coisas) no espaço” (*ibidem*) do quadrinho, bem como a captura de eventos, de forma a resultar em um fluxo narrativo coerente. Esse fluxo tem de ser transmitido dentro do limite de quadrinhos possíveis em uma página (digital ou física), com a articulação mais favorável dos recursos imagéticos (*requadro*[6], balão de fala, *sarjeta* [explicação na sequência], apresentação de página, composição, perspectiva, personagens, sentimentos, iluminação) e da escrita (tamanho de letra, tipografia, escolha de palavras) para o estilo do autor. As Figuras 3 e 4 mostram que dois gêneros diferentes de Arte Sequencial, apesar de poderem ser definidos como tal, são muito diferentes entre si.

Mas a questão terminológica ainda carrega um tanto de confusão pelo seguinte motivo. Com o passar do tempo e graças à sua popularidade, todos esses gêneros de Arte Sequencial acabaram sendo caracterizados, para o senso comum, como História em Quadrinhos. Mas os teóricos insistem para as diferenças, apontando a Arte sequencial como uma superestrutura sob a qual estão todos os gêneros conhecidos e já citados

2.1.2 HQ

Guimarães (1999) explica que as Histórias em Quadrinhos podem ser caracterizadas como um texto em que a imagem tem muita importância, sendo parte do primeiro plano de atenção do leitor (GUIMARÃES, 1999, p.7). Isto é, o leitor olha a imagem para depois ler o que está escrito; isso, sem contar as HQs sem fala. Para o autor, nas HQs, as imagens são encadeadas em sequência, dando sensação de movimento para o leitor, permitindo, assim, o desenvolvimento de uma história complexa.

Acrescento a essa definição de HQ a caracterização de Santos (1995, p. 54), que se apoia em Eisner (2010), segundo a qual a HQ tradicional desenvolve uma trama, uma “forma de narração normalmente objetiva; personagens com

[6] O requadro é a linha que contorna as imagens da HQ, como a moldura de um quadro. Ele pode não estar presente ou ter vários formatos que influenciam a forma como o leitor vai entender a história, podendo ter uma função maior que somente contornar a imagem (dependendo do caso) (EISNER, 2010, p.44-61).

papéis definidos; situação básica resolvida no final", sendo, assim, normalmente menos experimentais e mais curtas (EISNER, 2010, p.7 *apud* SANTOS, 1995, p. 55).

Finalmente, o próprio Eisner explica que a HQ

> se baseia no emprego imaginativo de conhecimentos científicos, linguísticos e literários, bem como no talento para desenhar e manejar ferramentas de desenho, sejam elas lápis e papel ou um tablet conectado a um computador. Na verdade, até um educador se surpreenderia com a diversidade de disciplinas envolvidas na realização de um história em quadrinhos qualquer (2010, p.159).

Assim, para efeito de clareza, resumo aqui os pontos principais do item *arte sequencial*: é um construto teórico da Comunicação Social formulado por Will Eisner (2010) e significa uma sequência de imagens desenhadas de forma a contar algum evento. Nesse sentido, a *História em Quadrinhos*, conforme Guimarães (1999) é um tipo de Arte Sequencial.

Sendo um gênero, a História em Quadrinhos possui suas características, as quais serão abordadas no item 2.3, bem como no Quadro 1. Aqui, antecipo algumas dessas características que, em alguns itens, são diferentes de outros gêneros da Arte Sequencial, como por exemplo, mangás.

As HQ possuem, em sua arte final de acordo com Eisner (2010), Cavalcante, Gomes e Tavares (2014), Martínez (2013) e Moraes e Correa (2010):

- Palavras, gestos, pontuação, imagem, entonação na grafia, tipografia, animação, balões de fala, requadro e traçados do requadro, recurso emocional do requadro, tipos e tamanhos de letra, cores, expressões corporais e faciais, posicionamento das personagens, tempo, enquadramento de fala e de personagem, disposição dos elementos e personagens dentro do quadro, perspectiva, escolha de palavras, omissão de texto, sarjeta, onomatopéias, traço do desenho, disposição dos quadros na folha/no espaço, cenário, etc ...

- Conteúdos culturais, temas (atuais ou não; polêmicos ou não, engraçados ou não, relativos a datas comemorativas ou não…), cenário, constituição das personagens, escolha de tópico narrativo, etc.

- Escolha da paleta de cores, traço do desenho, tipografia, tipo de requadro, escolha de palavras, enquadramento de fala e de personagem, disposição dos elementos do quadrinho, perspectiva,

características idiossincráticas na composição das personagens e de suas falas, tipo de narrativa, tipo de balão de fala, sarjeta, disposição dos quadros na folha/no espaço, cenário, etc...

A seguir, passo a focalizar os conceitos de *identidade* e *identidade nacional*.

2.2 Identidade e HQs

Para entender como a questão da identidade cultural-nacional aparece nos quadrinhos, precisamos, antes, entender o conceito de identidade.

De acordo com Silva (2000), a concepção moderna de que a "*identidade é aquilo que se é"* (p.74), entendida como algo que é dado, funcionou muito bem durante muito tempo. Contudo, no final do século XX, passou a ser questionada, por conta das grandes mudanças sociais que desestabilizaram as certezas da organização geopolítica do mundo (TÁPIAS-OLIVEIRA, 2006, p. 29-31) e do próprio conhecimento social. Essa desestabilização cresceu com a intensificação do processo econômico e cultural de globalização, em que as identidades dos países não-hegemônicos foram sendo gradualmente apropriadas/apagadas por uma identidade hegemônica, seja em um movimento híbrido ou desintegrador de culturas (FERNANDES ALVES, 2003, p. 1).

Desde então, a definição de *identidade* vem sendo reelaborada e, hoje, para teóricos afiliados à pós-modernidade, é compreendida como um construto relativo às diversas experiências de uma pessoa ou sociedade que, em determinado tempo e espaço, apresenta características idiossincráticas resultante de um processo. No dizer de Woodward (2000, p. 14), a identidade é um processo tanto simbólico quanto social. A autora explica que, para se conceituar uma determinada construção identitária, é necessário o exame de *sistemas classificatórios* que evidenciam como "as relações sociais são organizadas e divididas" (idem, p.14-15), marcadas. A partir dessas classificações, há uma identificação das pessoas com determinados construtos ideológicos que as fazem assumir determinadas posições identitárias.

Como foi dito, os estudos identitários ganharam força a partir da intensificação dos processos de globalização da modernidade recente, que se deram tanto pela entrada intensiva da indústria, majoritariamente estadunidense

em outros países e pela imposição da cultura desse país investidor, quanto pelas rotinas das empresas e da indústria cultural. Esses fatores colocaram as culturas dos territórios nacionais, que receberam as indústrias estrangeiras, em uma situação sensível, de potencial crise de identidade. De acordo com Woodward (2000, p 16), essa questão identitária coloca-se na *arena global*. Entretanto, a autora explica que a preocupação com as identidades pode acontecer também em um *contexto local*, em que as identidades pessoais entram em embate: relações pessoais e políticas amplas.

Como Woodward (2000, p. 9-19), entendo que as identidades são um construto simbólico e social marcado na temporalidade e associado ao consumo de bens simbólicos e culturais. Pode-se entender que existem formas materiais e não materiais de consumo; respectivamente, existem os exemplos da compra de um objeto ou de uma ideia. Quando uma pessoa adquire/aceita/compra uma forma material/não material qualquer, sua(s) identidade(s) se revela(m) ao mesmo tempo em que é(são) revelada(s) por essas escolhas. Por exemplo, se alguém se identifica com o movimento *e-girl*[7] e *e-boy*[8] tenderá a consumir roupas, maquiagem, corte de cabelo e conteúdo ideológico desse grupo social. Dessa forma, sua(s) identidade(s) ficará(ficarão) marcada(s) pelas características que correspondem a esse construto simbólico social e consumidor.

Kwame Appiah (2006) aborda a questão da política identitária por meio do conceito de *rótulos*. O autor propõe que cada rótulo de identidade arbitrário vai ter alguns critérios de atribuição (idem, p.16). Nos exemplos de *e-girl* e *e-boy* citados, há as seguintes características de Appiah (ibidem):

- Algumas pessoas serão reconhecidas como sendo de certo grupo e outras não (como as *e-girls/e-boys*);
- Algumas pessoas vão se identificar com o rótulo de identidade, afinal, um rótulo só ganha importância quando pessoas são reconhecidas como tal e quando ser parte do rótulo traz algum impacto interno de afirmação

[7] E-girl é a versão abreviada de Electronic Girl (Garota eletrônica) e se refere-se a uma "tribo estética" que se baseia na moda emo/gótica dos anos 2000 e no uso do aplicativo para celular TikTok. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/10/o-que-e-e-girl-veja-o-que-significa-a-nova-moda-e-estilo-da-internet.ghtml>

[8] E-boy (eletronic boy – garoto eletrônico) é a versão masculina da estética e-girl. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/01/o-que-e-e-boy-veja-o-que-significa-a-nova-moda-e-estilo-da-internet.ghtml> Acesso:08/06/21.

identitária para a pessoa. Por exemplo, uma pessoa pode ser chamada de *e-girl*, mas, na verdade, se identificar com o grupo *emo*. Dessa forma, essa pessoa não seria *e-girl*, já que essa identidade não traria um impacto interno de pertencimento;

- Algumas pessoas tratarão as outras de acordo com um determinado rótulo identitário e farão algo em razão dessa identidade, havendo a tendência de tratar bem quem faz parte do mesmo grupo e tratar indiferentemente ou antagonizar quem dele não faz parte;
- As pessoas que se reconhecem por esse rótulo terão algumas normas de identificação, pois não é qualquer pessoa que pode se declarar como *e-girl*, precisando ter certo comportamento para, assim, poder ser identificada por seus pares e por outros como alguém pertencente ao grupo.

Desse modo, podemos dizer que, quando a indústria cultural entra em um país com intensidade, trazendo filmes e outros produtos culturais que têm o potencial de direcionar o comportamento das pessoas que vivem no país adentrado (DUARTE, 2014, p.28), levando-as a aceitar o *status quo* (idem, p.29) do grupo hegemônico (idem, p.30), há uma tendência de os “eus” locais serem abafados. Tal ação promove culto a certos tipos de indivíduos valorizados (idem, p.32), que estão em rótulos (APPIAH, 2006, p.16) diferentes dos rótulos locais. Isso pode gerar um desenraizamento dos indivíduos que não têm ligação forte com as construções culturais e intelectualidade locais, resultando em uma perda de vínculo com os hábitos e percepções regionais (DESAFIOS, 2021) e uma compra de identidades alheias. Isso, por sua vez, pode gerar uma reação de parcela da comunidade que vê sua identidade ameaçada, e, como consequência, pode desenvolver manifestações de afirmação das identidades locais.

A formação identitária local e/ou nacional pode se manifestar de diferentes formas. Por exemplo, por meio de literatura, músicas, cartas abertas, abaixo-assinados, charges, e-zines, quadrinhos, dentre tantos outros gêneros discursivos que atravessam nossas práticas sociais. É muito comum a HQ ser usada nesse contexto (DA SILVA TENORIO, 2020, p.90-91), afinal, os “quadrinhos, como imagens desenhadas, não ficam distantes” (BRAGA JR, 2015,

p.7) de outras formas de imagéticas de preservação de memória e, por isso, estão sujeitos ao processo de aquisição da cultura em movimento (idem).

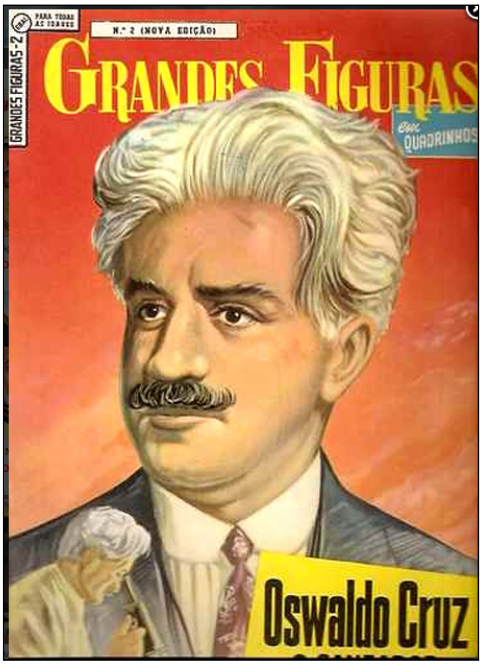
Se pensarmos no contexto menos intenso de reação nacional à cultura hegemônica, a partir dos anos de 1950, a produção de quadrinhos começou a ser incentivada pelo Governo Federal do então presidente Juscelino Kubitschek. Da Silva Tenorio (2020) explica que esse incentivo foi feito com a intenção de introduzir símbolos e características da identidade nacional de forma diluída para validar o discurso de união identitária do país (p. 91). Isso se deu, segundo Fernandes Alves (2003, p.24), como reação à hegemonia de mercado estadunidense, resultante da política da boa vizinhança instaurada durante o governo varguista, que ameaçava a identidade nacional.

Dentre os quadrinhos históricos que surgiram com esse apelo no final da década de 1950 e início da década de 1960, estão: “Epopéia”, “Álbum Gigante”, “História do Brasil” e “Grandes Figuras do Brasil”, lançada os pela editora EBAL[9] (BARBOSA, 2006, p.16). Abaixo, segue, respectivamente, capas das séries “Epopéia” e “Grandes Figuras do Brasil”.

Figura 5: Edição extras e especiais revista Epopéia editora EBAL

Fonte: Disponível em: <http://guiaebal.com/epopeia6.html> Acesso: 18/05/21

Figura 6: Revista Grandes Figuras EBAL.



Fonte: Disponível em: <http://guiaebal.com/grandesfigura.html> Acesso:18/05/21

[9] Editora Brasil-América.

Além disso, foi nessa época que grandes nomes do cenário nacional como Ziraldo e Maurício de Souza começaram a dar seus primeiros passos no contexto das HQs brasileiras (CAMPOS; DE JESUS SILVA; SANTOS, 2015, p.33), trazendo aspectos da cultura nacional para o imaginário do país. Ambos os autores abordam, em suas obras, temáticas culturais brasileiras, que vão desde o contexto indígena - Ziraldo com a "Turma do Pererê" (1959-1964[10]) e Maurício de Souza com a "Turma do Papa Capim" (1960-presente[11]) - até o contexto urbano de classe média, com Maurício de Souza criando a "Turma da Mônica" (1959 [tirinhas][12]/1970 [HQ][13]- presente) e com Ziraldo criando as HQs de "O menino maluquinho" (HQ: 1989-2007[14]) e "Julieta, a menina maluquinha" (2004-2007[15]). Esses autores trabalham em todas as suas obras com a questão da *identidade brasileira* e a identificação dos leitores brasileiros com as personagens, o que permitiu que essas obras se consagrassem no cenário nacional. Para entendermos a questão da identidade nacional nos quadrinhos, mostro, a seguir, as proposições de Braga Jr. (2015), ainda que, a meu ver, careçam de mais debates.

2.2.1 HQ nacional

Braga Jr. (2015), pesquisador dos quadrinhos brasileiros, explica que os quadrinhos ditos "nacionais" seguem uma estrutura que faz com que seu consumidor a reconheça como nacional, por seu conteúdo ligado ao cotidiano do país e entendido em algum aspecto específico por outras culturas. É nacional o

---

[10]Anos de publicação contínua. Disponível em: <https://universohq.com/noticias/a-turma-do-perere-completa-55-anos/>. Acesso:08/06/21.

[11] (MAZINHO, 2013)

[12] (SORISE, 2020)

[13] (MARTINS, 2020)

[14] Como o site <https://www.omeninomaluquinho.com.br> está fora do ar e todas as outras fontes encontradas só mencionam que a HQ existe, mas não mencionam o ano de publicação.Tive que usar como fonte a Wikipedia. Disponível em:<https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Menino_Maluquinho>. Acesso:09/06/21

[15] Como o site antigo da Editora Globo foi modificado, não há registros do tempo de publicação da HQ de *Julieta, a menina maluquinha*. Por conta disso, utilizei o site *Skoob* como fonte. Disponível: <https://www.skoob.com.br/julieta-a-menina-maluquinha-75855ed83625.html>. Acesso: 08/06/21.

quadrinho que compartilha “elementos étnicos em comum: língua, valores, alimentação, vestimentas, hábitos, etc.” (2015, p. 8) com o povo de um território.

Assim, ao falar de quadrinhos nacionais, me refiro àqueles produzidos por brasileiros, retratando a realidade do Brasil/dos Brasis. Nesse sentido, a identidade nacional está atrelada a *tema* (ou seja, assunto) *tipo de desenho* e *nacionalidade do quadrinista*, além de estar atrelado também, segundo Braga Jr (2015, p. 16), a: “biotipo das personagens; elementos de urbanização e princípios arquitetônicos; vestimentas e padrões de alimentação; regionalização (cenários, linguagem e visão de mundo); técnicas de pintura; arte-final e edição; onomatopeias”. Nesse sentido, a meu ver, a definição de HQ brasileira e HQ nacional fica um pouco confusa. Não entrarei nesse debate, pois esse não é o objetivo do presente trabalho, mas entendo que esse assunto precisa ser revisitado.

De acordo com Braga Jr, para que o quadrinho brasileiro seja reconhecido como nacional, os *temas* e os *tipos de desenho* são pontos que se destacam (idem, p. 9). O *tema* (assunto) incorpora características regionais, histórias locais, causos populares, lendas urbanas, personagens característicos e, assim, contribuem para a formação de “cidadãos cientes de sua história, cultura e de sua identidade” (2015, p. 13).

Como exemplo de *tema*, temos nas HQs nacionais a Turma da Mônica como um referencial, porque suas histórias têm como assunto fatos locais e populares, com personagens idiossincráticos que possuem alma e local brasileiros - desde a própria Mônica, que mora com sua turma no bairro do Limoeiro, até o Chico Bento, morador da roça. Já como exemplo de *tipo de desenho*, apesar de haver inúmeros estilos e de não haver um “correto”, o autor explica que cada “grupo cultural registra iconograficamente as informações conforme as configurações culturais recebidas pela socialização”[16] (2015, p. 15). Ou seja, um quadrinho feito por um brasileiro retratando o Brasil não será igual ao quadrinho de um estrangeiro retratando seu país; como exemplo, podemos comparar a “Turma da Mônica Jovem” com qualquer mangá japonês.

[16] Ainda que os elementos semióticos possam apresentar características de uma determinada territorialidade, não posso garantir que os/as autores/as não recairão em estereótipos, ou ainda que terão uma visão crítica na construção de suas histórias.

A identidade nacional expressa em HQs, quando lida por pessoas de uma "mesma cultura", reafirma ou questiona ou expressa "a cultura" local para essas pessoas, podendo gerar, disparar reflexões e posicionamentos críticos. Quando lida por estrangeiros, a identidade nacional pode ser uma porta para compreensão da "cultura nacional" pelo estrangeiro. Esse é um dos pontos do presente trabalho: acredito que pela leitura de HQs seja possível aproximar o estrangeiro de algumas construções culturais, de alguns valores e modos de ver e pensar de diferentes localidades do país e de diferentes brasileiros. Reforçando essa ideia, trago a seguinte consideração de Vale (2016, p. 25), a partir da leitura de Ito (2021, p.11) sobre os leitores de mangá: "todos esses leitores demonstraram que é possível retirar informações e ideias de como sejam os hábitos e a cultura de um local nas histórias contadas pelos mangás". Concordo com tal pressuposto, motivo pelo qual acredito na importância da HQ nacional em livros didáticos para o ensino de línguas, e aqui, especificamente, para o ensino de PLE.

Amparada nessas discussões, neste trabalho, entendo HQ nacional brasileira como a produção que, ao mesmo tempo:

- Tenha temática inerente a fatos do Brasil;
- Seja reconhecida pelos cidadãos como pertinente ao contexto sócio-cultural do país, ou seja, que os cidadãos se reconheçam na representação feita deles.
- Tenha autoria de pessoa brasileira e/ou estrangeira radicada no Brasil.

Passo, a seguir, a falar sobre a utilização das Histórias em Quadrinhos em livros didáticos de Português como Língua Estrangeira/Segunda Língua.

2.3 LD-PLE/PL2: perspectiva da HQ como gênero

O gênero HQ, para muitos autores de LDs, pode ser considerado um gênero menor, ou como dizem Cavalcante, Gomes e Tavares (2014, p.1678), "um gênero menos privilegiado". Entretanto, como apontam Moraes e Correa (2010, p.2), a HQ pode abordar "questões complexas", como "conflitos raciais, sociais e políticos", além de propiciar a visão crítica sobre esses conflitos. Há consenso

quanto a isso, também, no trabalho de Cavalcante, Gomes e Tavares (2014, p.1685), que indicam a HQ como um texto potencialmente capaz de instigar o desenvolvimento da argumentação e do posicionamento crítico. As autoras apontam que, frequentemente, há, nos LDs, um empobrecimento do "tratamento didático do gênero" quando não se extrai "dele o que realmente pode oferecer" (idem, p. 1685). Referindo-se aos livros didáticos de português como língua materna, elas são taxativas ao afirmarem que "as HQs vêm sendo exploradas de maneira falha pelos livros didáticos". Entendo que o mesmo ocorre nos livros didáticos de PLE, como pretendo demonstrar na análise de dados.

Stradiotti, Diniz e Scaramucci (2009), após analisarem alguns LDs de PLE,apresentam os problemas mais frequentes encontrados na formulação de atividades de compreensão e produção oral, e de compreensão e produção escrita nessas obras. Grande parte dos problemas apontados pelos autores diz respeito a um vínculo ainda bastante gramaticalista, que não se preocupa com o trabalho contextual que os gêneros discursivos demandam. A atividade de leitura centra-se, frequentemente, decodificação de informações pontuais dos textos disparadores. Também não se registram exercícios prévios que busquem mobilizar o conhecimento do estudante para realizar a atividade, quer seja de leitura, quer seja de compreensão oral. A atividade de leitura frequentemente inserida nas atividades dos LDs analisados pelos autores reforça uma tendência de se acreditar que o aluno de PLE já é um leitor proficiente (no sentido genérico), não sendo necessário trabalhar com estratégias de leitura. Assim, a leitura frequentemente se reduz a um processo de decodificação e busca de informações em atividades de verdadeiro ou falso, múltipla escolha e respostas abertas (STRADIOTTI; DINIZ; SCARAMUCCI, 2009, p.284-285). Também não se trabalha o texto como um gênero, "nem marcas de posicionamento do autor, nem avaliação do registro empregado, nem das condições de produção do texto" (*ibidem*, p.284). Na falta de um trabalho de leitura mais detalhado, acaba-se tomando-a como meio para focalizar questões gramaticais e/ou lexicais (*ibidem*, p.285).

Com relação à produção escrita, a maior crítica dos autores diz respeito à falta de foco na competência comunicativa (Stradiotti, Diniz e Scaramucci, 2009, p.282). Isso porque, para eles, os LDs de PLE que analisam solicitam a produção

de frases soltas ou, no máximo, de diálogos, pois o foco está na demonstração do aprendizado dos aspectos gramaticais e lexicais (*ibidem*, p.283). Ao fazer do texto escrito um pretexto para trabalhar essas questões, com os alunos escrevendo frases justapostas, não se trabalha com gêneros que propiciem atividades mais próximas de situações reais de comunicação (*ibidem*, p. 283-284). Dessa forma, a visão estruturalista da língua e avaliativa de conteúdo ainda costuma ser o foco em atividades de produção escrita.

Os autores (STRADIOTTI; DINIZ; SCARAMUCCI, 2009, p. 290) ainda defendem que o LD precisa ser visto como um meio potencialmente capaz de desmistificar estereótipos culturais transmitidos por filmes, matérias televisivas, entre outros, podendo levar o estudante a entender as construções culturais e identitárias, enfim, a própria vida, de outras formas. Sobre isso, Martínez (2013) elenca algumas vantagens do uso de HQs autênticas, ou seja, feitas para o contexto social fora do LD, sem ser manipulado ou adaptado para o LD em aulas de língua estrangeira, como o trabalho com diferentes conteúdos, habilidades e temáticas (p.15). Além disso, sendo a HQ um gênero que trabalha com fala (vide a existência de balões de fala), é possível trabalhar com representação sonora verbalmente, o que permite ao aluno "adquirir léxico de maneira indutiva" (*ibidem*, p.16), além de ser uma "forma mais atrativa, motivadora e acessível para entrar na realidade de um país" (CARRASCO, 2007, p.23, *apud* MARTÍNEZ, 2013, p.16).

Sendo assim, ao compreenderem "cultura" como constituinte da linguagem, os autores afirmam ser essencial, por meio do LD, "discutir aspectos recorrentes" (*ibidem*, p.290-291) das nossas construções sociais, históricas, culturais e políticas. A maioria dos LDs de PLE necessita de uma revisão de modo a poderem auxiliar o aluno a "desenvolver uma competência intercultural" (STRADIOTTI; DINIZ; SCARAMUCCI, 2009, p.294), considerando as construções culturais de alguma forma representativas da língua alvo e das coonstruções culturais do aluno.

Trabalhos falhos com o gênero HQ no livro didático, de acordo com os autores citados na teoria deste trabalho, seriam trabalhos que entendem as HQs somente como um objeto lúdico, superficial, recreativo ou como texto suplementar e menos importante, sendo um pretexto para se ensinar gramática

(CAVALCANTE; GOMES; TAVARES, 2014, p.1683) ou uma opção de leitura (CAVALCANTE; GOMES; TAVARES, 2014, p.1678). Compreende-se essa visão como inserida em abordagens de ensino que não entendem a HQ como gênero, mas sim, como simples recurso de entretenimento, ou mesmo um intervalo entre conteúdos disciplinares do LD, como realmente acontecia em um passado recente (década de 1980).

Concordo com Cavalcante, Gomes e Tavares (2014) quando dizem que a HQ é geralmente tratada em LDs como um gênero figurativo. As autoras continuam:

> Desse modo, as propriedades textuais pertencentes ao gênero [HQ], interpretação do material textual, das imagens que são características fortemente ligadas ao gênero, da situação discursiva que o texto foi produzido, bem como a utilização das HQs nas aulas de produção textual são aspectos que passam despercebidos e são deixados de lado por professores que, muitas vezes, desconhecem a riqueza textual desse gênero. (p.1678)

Quando entendemos HQ como gênero, o trabalho pode ser ampliado para a tríade constitutiva e definidora de gênero: construção composicional, conteúdo (temático) e estilo da linguagem (BAKHTIN, 2011, p. 261). Assim, temos o seguinte quadro que busca, nos autores lidos, as características de gêneros que podem ser trabalhadas no LD:

Quadro 1: HQ como gênero

Tríade constitutiva do gênero	Aspectos envolvidos na produção	Fontes
Características de construção composicional	Palavras, gestos, pontuação, imagem, entonação, tipografia, animação, balões de fala, requadro e traçados do requadro, recurso emocional do requadro, tipos e tamanhos de letra, cores, expressões corporais e faciais, posicionamento das personagens, tempo, enquadramento de fala e de personagem, disposição dos elementos e personagens dentro do quadro, perspectiva, escolha de palavras, omissão de texto, sarjeta, onomatopéias, traço do desenho, disposição dos quadros na folha/no espaço, cenário...	Cavalcante, Gomes e Tavares (2014, p.1683) Eisner, 2010 (o livro todo)
Características	Conteúdos culturais, temas (atuais e/ou	Martínez (2013, p 27)

de conteúdo temático	polêmicos, …), cenário, constituição das personagens, escolha de tópico narrativo, etc.	Moraes e Corrêa (2010, p. 2)
Características de estilo	Escolha da paleta de cores, traço do desenho, tipografia, tipo de requadro, escolha de palavras, onomatopéias, enquadramento de fala e de personagem, disposição dos elementos do quadrinho, perspectiva, características idiossincráticas dos personagens tipo de narrativa, tipo de balão de fala, sarjeta, disposição dos quadros na folha/no espaço, cenário etc.	Cavalcante, Gomes e Tavares (2014, p.1683) Eisner (2010)

Fonte: Tápias Oliveira (2021)

Como se vê, divido os muitos aspectos envolvidos para produção do gênero HQ pelas partes constitutivas do gênero. Nesse sentido, como construção composicional, elenco as características do texto escrito da imagem. Já no conteúdo temático, seleciono os aspectos relacionados à narrativa. No estilo, além do estilo geral de uma HQ, considero o estilo do quadrinista. Reitero que a caracterização - que aqui proponho - carece de aprofundamento teórico, o que gostaria de discutir em outro trabalho.

Ressalto que, tendo a HQ como gênero, é possível que atividades de compreensão e produção escrita e oral, em LDs de PLE, podem lançar mão desse gênero como *meio* para:

- intertextualidade: estudo de dois ou mais gêneros em seu conteúdo, estilo e construção composicional
- língua/linguagem: estudo de léxico, funções comunicativas, análise dos fatos da língua estrangeira, fonética, gramática, expressões idiomáticas, etc.
- recursos multimodais[17]: análise das formas composicionais e estilísticas da(s) HQ
- compreensão intercultural: análise e comparação das expressões culturais.
- dentre outros.

Nessa perspectiva, assim como os autores trazidos nesta discussão, advogo pela necessidade de o LD de PLE ampliar o emprego de HQs, o que, a meu ver, possibilita a elaboração de atividades que contemplem e integrem as

[17] Sobre multimodalidade ver Rojo (2013, p.24).

habilidades de fala, escuta, leitura e escrita (STRADIOTTI; DINIZ; SCARAMUCCI, , 2009). Acredito também que o LD possa usar a HQ para fomentar diálogos, debates, discussões, argumentação e crítica sobre temas diversos, que ampliem a compreensão intercultural. Indo além, o LD pode oferecer a HQ, como meio para o trabalho com outros gêneros, para outras atividades além da sala de aula, incentivando a criatividade do professor e dos alunos, bem como a comunicação com o mundo fora da sala de aula.

3. Metodologia de pesquisa

A presente pesquisa, de base qualitativo-intepretativista e documental, busca organizar e categorizar os dados de modo a responder ao objetivo da pesquisa, a saber identificar a presença e a utilização da HQ nos livros didáticos de PLE. De acordo com Sanpieri, Collado e Lucio (2013, p. 456), há necessidade de haver a codificação organizada dos dados para que o objeto em questão seja caracterizado. Assim, os dados qualitativos precisam ter método para serem analisados: *localizados, descritos e comparados*. Essa codificação dos dados ajuda o pesquisador a eliminar o que não é relevante, gerando maior compreensão do objeto e um olhar mais profundo de aspectos centrais. A seguir, passa à *categorização*, de modo a responder aos objetivos e perguntas de pesquisa. Ao assim proceder, espero analisar o objeto livro didático de PLE para criar inteligibilidade sobre as HQ e assim responder ao objetivo e às perguntas de pesquisa.

3.1 A constituição do *corpus*: livros didáticos de PLE

O objeto a ser analisado são livros didáticos de PLE. Os critérios de seleção desses livros foram: acesso, ano de publicação e diversificação de contextos de ensino de PLE.

Tendo em vista as dificuldades impostas pelo isolamento social gerado pela pandemia de COVID-19, o *acesso* foi um fator determinante na escolha das obras analisadas, tendo-se decidido, então, por livros disponibilizados pela orientadora deste trabalho. Uma vez que os LDs de PLE ainda costumam ter um valor elevado, a compra tornou-se inviável. O *ano de publicação* também foi um critério utilizado. Optei por livros de publicação de 2000 em diante, em razão da proximidade dos debates sobre questões teóricas para o trabalho com gêneros do discurso em livro didático de língua materna. Outro critério de seleção dos livros foi a *diversificação de contextos de ensino de PLE,* de modo a verificar se esse é um quesito que influencia a presença de HQ em materiais didáticos. Dessa forma, há livros para diferentes idades, proficiências e contextos de ensino-aprendizagem, como quando o trabalho se dá com grupos de refugiados, crianças, adultos, migrantes.

Dos 9 objetos iniciais, um foi descartado por não ser um LD, mas sim um manual básico para aprendizagem de frases e fonemas. Assim, fiquei com, inicialmente, 8 objetos para análise[18]. Outro, o livro "Mano a Mano - Português para Falantes de Espanhol", foi, posteriormente excluído do corpus por não ter conseguido acesso integral ao livro, já que, no site da editora, a exibição gratuita era apenas até a página 33 da obra. Faz-se por bem observar que o livro didático da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) não informa a data de publicação, mas esse livro foi considerado por trazer uma questão, a ser explicitada mais adiante, bastante pertinente a este trabalho. Vejamos os objetos, identificados como LD (livro didático) seguido do número (de 1 a 8), respeitando a ordem alfabética de seus títulos:

- **LD-1**
  Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação
  Autoria: Maria Harumi de Ponce, Silva R. B. Andrade Burtim e Susanna Florissi
  Ilustrações: Leonardo Teodoro Delfino/Paulo Moura
  Editora: Special Book Services Livraria
  Ano: 2004
  Público alvo: Jovens e adultos que querem aprender português com foco na fala. Falantes de origem asiática, anglo-saxônica e latina.

- **LD-2**
  Brasileirinho: Português para crianças e pré-adolescentes
  Autoria: Claudenir Gonçalves
  Ilustrações: Christian Monnerat
  Editora: E.P.U.
  Ano: 2017
  Público alvo: crianças e adolescentes ouvintes e que não tem português como primeira dominante

- **LD-3**
  Estação Brasil
  Autoria: Ana Cecília Cossi Bizon e Elizabeth Fontão do Patrocínio
  Ilustrador: -
  Editora: Editora Átomo
  Ano: 2017
  Público alvo: Pessoas que já tem proficiência básica na língua.

- **LD-4**
  Mano a Mano (até página 33)
  Autoria: Ana Cecília Cossi Bizon, Elizabeth Maria Fontão do Patrocínio e Leandro Rodrigues Alves Diniz
  Ilustrações: -

[18] Posteriormente, na Localização, retirei o LD-4 (Mano a Mano), por não conseguir acessá-lo integralmente.

Editora: Routledge
Ano: 2021
Público alvo: Falantes de língua espanhola

- **LD-5**
  Pode Entrar Português do Brasil para refugiadas e refugiados
  Autoria: Jaqueline Feitosa de Oliveira, Juliana de Almeida Reis Marra, Karina Fasson, Nayara Moreira Santos, Renata Cristina Pereira e Talita Amaro de Oliveira
  Ilustrações: -
  Editora: Curso Popular Mafalda, Cáritas Arquidiocesana de São Paulo e ACNUR
  Ano: 2015
  Público alvo: Pessoas em situação de refúgio que se encontram no Brasil

- **LD-6**
  Portas Abertas Português para imigrantes
  Autoria: Marina Reinoldes, Paola de Souza Mandalá e Rosane de Sá Amado
  Ilustrações: Leonardo Yassuo Hirai e Thais Borelli Martins
  Editora: Centro de línguas da USP, Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) da Prefeitura Municipal de São Paulo
  Ano: 2017
  Público alvo: Pessoas em situação de refúgio ou migração no Brasil

- **LD-7**
  Português para crianças surdas: leitura e escrita no cotidiano
  Autoria: Giselli Mara da Silva e Angélica Beatriz Castro Guimarães
  Ilustrações: Débora Mini Almeida e Ana Luíza de Castro Garcia (auxiliar)
  Editora: Faculdade de Letras da UFMG
  Ano: 2018
  Público alvo: Crianças surdas das séries iniciais do fundamental que aprendem LIBRAS e português

- **LD-8**
  Recomeçar: Língua e cultura brasileira para refugiados
  Autoria: Beatriz Silva Rocha, Ingrid Caroline Albuquerque Candido e Marina Reinoldes
  Ilustrações: Thiago Roberto Dias dos Santos Pereira
  Editora: MemoRef - Cultura, Memória e Identidade Universidade Federal de São Paulo
  Ano: Não informado no livro
  Público alvo: Pessoas em situação de refúgio no Brasil

3.2 Percurso metodológico para a Análise de Dados

A análise de dados segue o roteiro proposto por Sanpieri, Collado e Lucio (2013), em que, após a leitura dos objetos, procede-se aos seguintes passos: *localização, descrição, comparação e categorização dos dados*. Neste trabalho,

os passos *descrição* e *comparação* estão inseridos no item *localização*. Acrescento o passo *leitura* para indicar meu contato com os objetos.

A seguir, explicito esse percurso.

3.2.1 Leitura I

Os 8 LDs foram objeto de leitura para verificar se havia arte sequencial, ou seja, qualquer forma de ilustração que contém fala, pois ainda estava fazendo as leituras sobre HQ. Dessa forma, entendi que seria pertinente fazer essa localização no início. Como já dito na introdução, a pesquisa surgiu do fato de eu ter entrado em contato com os LDs-PLE ao longo do curso de Letras-PLE/L2 e notado a pouca presença de HQs nesses livros. Logo, minha leitura foi do tipo *scanning* (KLEIMAN, 1993), ou seja, leitura de busca de informação.

3.2.2 Localização

Após a leitura, localizei as páginas com ocorrências de arte sequencial, o que pode ser observado na tabela a seguir:

Tabela 1 - Levantamento de ocorrências de Arte Sequencial nos LDs

Livro Didático	Nome	Páginas com resultados
LD-1	Bem-Vindo!	p.1, p.9, p.11, p.15, p.18, p.21, p.41 e p.42
LD-2	Brasileirinho	p.158, p.159 e p.160
LD-3	Estação Brasil	p.28, p.64, p.68 e p.104
~~LD-4~~	~~Mano a Mano~~	~~p.6~~
LD-5	Pode Entrar	p.15, p.17, p.18, p.25, p.41, p.76 e p.97
LD-6	Portas Abertas	p.14, p.19, p.34, p.55, p.56 e p.74
LD-7	Português para crianças surdas	p.14, p.16, p.20, p.22, p.24, p.28, p.29, p.30, p.32, p.38, p.40, p.43, p.44, p.48, p.51, p.56, p.58, p.61, p.63, p.66, p.72, p.76, p.79, p.83, p.86, p.87, p.90, p.95, p.100, p.107 e p.109
LD-8	Recomeçar	p.5, p.11, p.24, p.31, p.32, p.33, p.35, p.44, p.45, p.51, p.59, p.64, p.65, p.87, p.91, p.95, p.97 e p.100

Fonte: Tápias Oliveira (2021)

Fazendo a Localização 1, tomei a iniciativa de retirar o livro LD-4, dado haver apenas uma ocorrência de HQ, e por razão do não acesso ao livro completo, como já dito anteriormente. Apesar disso, a numeração dos demais livros será mantida.

3.2.3 Leitura II

Após a primeira localização, voltei aos livros didáticos e reli as páginas com ocorrências para poder identificar os tipos de arte sequencial existentes nos objetos. Essa nova leitura de busca de informações foi necessária por notar, com o avanço de minhas leituras teóricas, que minha busca anterior havia sido de arte sequencial, e não de HQs, como é meu objetivo neste trabalho. Dessa forma, aprofundei os estudos teóricos sobre HQs e estabeleci sua definição (ver item 2.1) para a partir disso buscar somente as HQs existentes nos 7 livros objetos de análise.

3.2.4 Categorização I

As ocorrências dos dados localizados foram categorizadas em *HQs contendo 3 ou mais quadros* (por ser a estrutura mínima de uma narrativa com: começo, meio e fim)*, com e sem fala*; *e Arte Sequencial contendo 1 quadro, 2 quadros,* com e sem fala. De acordo com Guimarães (1999, p.7):

> Uma das características mais importantes da História em Quadrinhos é o encadeamento que se pode fazer entre as imagens, o que permite a elaboração de histórias mais complexas. No entanto, esta característica não é essencial para definir um trabalho como História em Quadrinhos. De acordo com a caracterização exposta neste texto, uma história em quadrinhos pode ser realizada com uma única imagem desde que esta consiga representar um movimento, narrar um fato, contar uma história. Assim, tanto o Cartum quanto a Charge estão muito bem caracterizados como História em Quadrinhos.

Como já dito, esse parâmetro foi necessário para separar a arte sequencial de 1 quadro (uma imagem com ou sem requadro e com fala) e de 2 quadros (duas imagens com ou sem requadro e com ou sem fala) das HQs. A seguir, o Quadro 2 expõe esse meu entendimento.

Quadro 2: Como o presente trabalho entende HQ em comparação com a Arte Sequencial para efeitos de análise

Arte sequencial	HQ
1 ou 2 quadros, com ou sem fala, feito ou não para o contexto social, qualquer nacionalidade. Ex: charge, cartum.	3 ou + quadros; com ou sem fala; sequência de ações; personagens desenhados; sarjetas no tamanho como função de guiar a leitura; feita para o contexto cultural-social brasileiro (não para o LD); de autoria de quadrinista brasileiro ou estrangeiro radicado no Brasil; Ex: tirinha, HQ.

Fonte: Tápias Oliveira (2021)

Estou ciente de poder haver contestação em relação à definição de HQ que proponho. Contudo, após a leitura dos objetos, creio ser este o melhor caminho para discutir os dado. Isso, entretanto, não foi suficiente para entender o uso da HQ no LD, pois também buscava saber como a HQ era tratada nos LDs de PLE. Logo, procedi à nova leitura.

É importante ressaltar que optei por abordar a questão da identidade pelo quesito da autoria e da circulação, pois averiguei que a maioria das HQs presentes nos LDs pesquisados não são HQs que circulam socialmente, sendo, em sua maioria, materiais feitos para o livro didático. Dessa forma, representações de construções culturais do Brasil não eram o foco da maioria das HQs. Assim, considereique a autoria seria um critério mais adequado.

3.2.5 Leitura III

Após tomar contato com os problemas do LD de PLE e do uso da HQ no LD, bem como com a visão da HQ como gênero do discurso (exposto no item 2.3), entendi a necessidade de ampliação dos critérios de análise que serão importantes neste trabalho.

3.2.6 Categorização II

A partir da Leitura III, estabeleci as seguintes categorias relevantes de análise:

Quadro 3: Como considero HQ e sua utilização nos LD-PLE

Características da HQ	- Haver 3 ou + quadros; - Ter ou não fala; - Retratar sequência de ações; - Ter personagens desenhados; - Ter sarjetas no tamanho como função de guiar a leitura; - Ser feita para o contexto cultural-social brasileiro (não para o LD); - Ser de autoria de quadrinista brasileiro ou estrangeiro radicado no Brasil;
Utilização da HQ no LD-PLE	- Ser parte de uma atividade de produção oral, compreensão oral, produção escrita e compreensão escrita; - Ser tratado como gênero; - Ter atividades que abordem o aspecto comunicacional/dialógico; - Ter atividades que vão além das estruturais, como foco em gramática, léxico etc; - Ter atividades que desenvolvam atividades de compreensão e produção oral e escrita que envolvam questões culturais

Fonte: Tápias Oliveira (2021)

Tais critérios para a utilização se mostram importantes, pois as HQs geralmente ocupam espaços de exemplo para exercícios, ou ocupam espaço de ludicidade (CAVALCANTE, GOMES E TAVARES, 2014, p.1678). Assim, na análise de cada uma das 8 HQs encontradas nos 7 LDs de PLE (por "Mano a Mano" ter sido excluído durante o Percurso Metodológico).

4. ANÁLISE DOS DADOS

Seguindo o que foi proposto na metodologia de pesquisa, passo à análise dos dados, que se divide em dois itens: o primeiro refere-se ao trabalho feito após a Categorização I (item 3.2.4) e o segundo refere-se à análise após a Categorização II (item 3.2.6).

4.1. Análise de dados após a Categorização I

Na Categorização I, busquei analisar o que era Arte Sequencial (AS) e o que era História em Quadrinhos (HQ). Neste primeiro momento da análise, meu interesse foi apenas estabelecer o que até então eu supunha ser HQ e AS, o que me fez analisar os 7 objetos com relações somente a quadros e presença/ausência de falas. Assim, na Tabela 1, exponho a quantidade de quadros (q) e a presença de falas nas HQs e nas AS dos livros analisados. Observo que todas as HQs têm, no mínimo, 3 quadros.

Tabela 2: Categorização das HQs e Arte Sequencial

Livro didático		**HQ com fala**	**HQ sem fala**	**AS 2q com fala**	**AS 2q sem fala**	**AS 1q com fala**	**TOTAL**
LD-1	Bem-Vindo!	0	2	0	0	21	23
LD-2	Brasileirinho	1	0	0	0	0	1
LD-3	Estação Brasil	1	0	1	0	2	4
~~**LD-4**~~	~~Mano a Mano~~	-	-	-	-	-	-
LD-5	Pode Entrar	0	0	0	0	9	9
LD-6	Portas Abertas	0	1	1	0	13	15
LD-7	Português para crianças surdas	0	2	0	0	29	31
LD-8	Recomeçar	0	1	0	0	35	36
TOTAL		2	6	2	0	109	119

Fonte: Tápias Oliveira (2021)

A Tabela 2 evidencia que, dos 7 LDs pesquisados, somente o LD “Pode Entrar” não possui HQs que estejam de acordo com a definição estabelecida neste trabalho. Os demais possuem pelo menos uma ocorrência de HQs. Os

dados recortados para análise compreendem 8 HQs, que destaco a seguir. Todas elas foram escolhidas por possuírem 5 características iniciais:

- conter 3 ou mais quadros;
- ter presença de personagens desenhados que se inserem em um plano de ações;
- retratar sequência de ação
- ter ou não falas e diálogos;
- serem elaboradas para o próprio livro didático ou para outros suportes (para circulação no mundo fora da LD).

Conforme evidenciado na Tabela 2, os LDs trabalham mais com AS, uma vez que, das 120 ocorrências, 112 são de AS (sendo 110 ocorrências de obras que contém 1 quadro com fala e 2 ocorrências de obras que contém 2 quadros). As outras 8 ocorrências são de HQs. Como já mencionado, até então eu não tinha clareza sobre o que eram HQ e AS. Depois de ler mais sobre o assunto, procedi à análise das 8 ocorrências de HQ dos 7 livros consultados, de modo a verificar se estavam em conformidade com as teorias.

Relembro que os objetos estão identificados como LD-1 a LD-8 e as ocorrências de HQs são identificadas como HQ1 a HQ8.

4.2 Análise individual das HQs por LD (após Categorização II)

Na maioria das obras (com exceção das HQs 2 e 7, que poderão ser lidos na sequência), as sarjetas conduzem à ordem de leitura, permitindo ao leitor concluir que a leitura é feita da esquerda para a direita e de cima para baixo. Nas HQs 2 e 7, não se vê tal ocorrência, pois as sarjetas fazem os quadros ficarem distantes uns dos outros. Contudo, neste trabalho, atribuo a eles a definição de HQ, porque a atividade dos LDs dão a esses quadros o valor narrativo.

Dessa forma, respondendo à *primeira pergunta de pesquisa* - há ou não HQ nos LDs pesquisados - , posso responder: Sim, há HQs nesses livros.

A seguir, passo a analisar cada HQ individualmente, nas categorias ainda não analisadas, e, na sequência, contemplo as atividades em que estão inseridas. O Quadro 3, que reproduzo abaixo, com as categorias já analisadas estando tachadas, expõe o que analiso em cada HQ:

Quadro 4: Como considero HQ e sua utilização nos LD-PLE

Características da HQ	~~- Haver 3 ou + quadros;~~ ~~- Ter ou não fala;~~ ~~- Retratar sequência de ações;~~ ~~- Ter personagens desenhados;~~ ~~- Ter sarjetas no tamanho como função de guiar a leitura;~~ - Ser feita para o contexto cultural-social brasileiro (não para o LD); - Ser de autoria de quadrinista brasileiro ou estrangeiro radicado no Brasil;
Utilização da HQ no LD-PLE	- Ser parte de uma atividade de produção oral, compreensão oral, produção escrita e compreensão escrita; - Ser tratado como gênero; - Ter atividades que abordem o aspecto comunicacional/dialógico; - Ter atividades que vão além das estruturais, como foco em gramática, léxico etc; - Ter atividades que desenvolvam atividades de compreensão e produção oral e escrita que envolvam questões culturais

Fonte: Tápias Oliveira (2021)

4.2.1 LD1

No LD-1, há a presença de duas HQs, estando uma delas localizada na página 9 (HQ1) e outra na página 15 (HQ2).

A HQ1 encontra-se em uma sequência de exercícios em que o único ponto em comum é a prática de produção oral controlada:

Figura 7: HQ1, página 9 do LD-1

Fonte: PONCE, Maria Harumi de; BURTIM, Silva R B; FLORISSI, Susanna. **Bem-Vindo!**: a língua portuguesa no mundo da comunicação. 6. ed. São Paulo: Special Book Services Livraria. 220 p. 9. 2004.

Como se nota, a HQ1 foi especialmente elaborada para o LD. Note-se que o ilustrador produz uma HQ sem uma complexidade imagética e textual, não sendo objetivo da HQ gerar reflexão sobre um evento específico contextualizado na sociedade e/ou em construções culturais e identitárias - no caso, brasileiras. Está claro que o gênero discursivo HQ e suas condições de produção não são focalizados, nem se busca gerar reflexão sobre algum aspecto dessa produção e/ou dos efeitos de sentidos que pode gerar. Como dizem Stradiotti, Diniz e Scaramucci (2009, p.285), a leitura está sendo usada como um meio para trabalhar com o léxico/a gramática. No caso, funciona como um apoio para um exercício de produção oral: na atividade oral da HQ1, o aluno tem de contar a sua rotina, utilizando os verbos presentes nos quadrinhos.

A HQ2, a seguir, é uma sequência de quadros sem fala, mobilizada, para a realização de exercícios sobre tempos verbais e uso de preposições. São exercícios para serem feitos oralmente ou por escrito e que não possuem uma linha temática comum.

Figura 8: HQ2, página 15 do LD-1

Fonte: PONCE, Maria Harumi de; BURTIM, Silva R B; FLORISSI, Susanna. Bem-Vindo!: a língua portuguesa no mundo da comunicação. 6. ed. São Paulo: Special Book Services Livraria. 220 p. 15. 2004.

A HQ2 é utilizada para um exercício que solicita a elaboração de uma história que tenha nexo, a partir da rotina do personagem apresentada nos quadrinhos. Conforme constatado por Stradiotti, Diniz e Scaramucci (2009), a atividade prototípica em LDs de PLE ainda costuma ser a escrita de frases soltas e o preenchimento de lacunas. Nesse caso, então, há um exercício não prototípico, que, entretanto, ainda tem foco na aplicação da gramática.

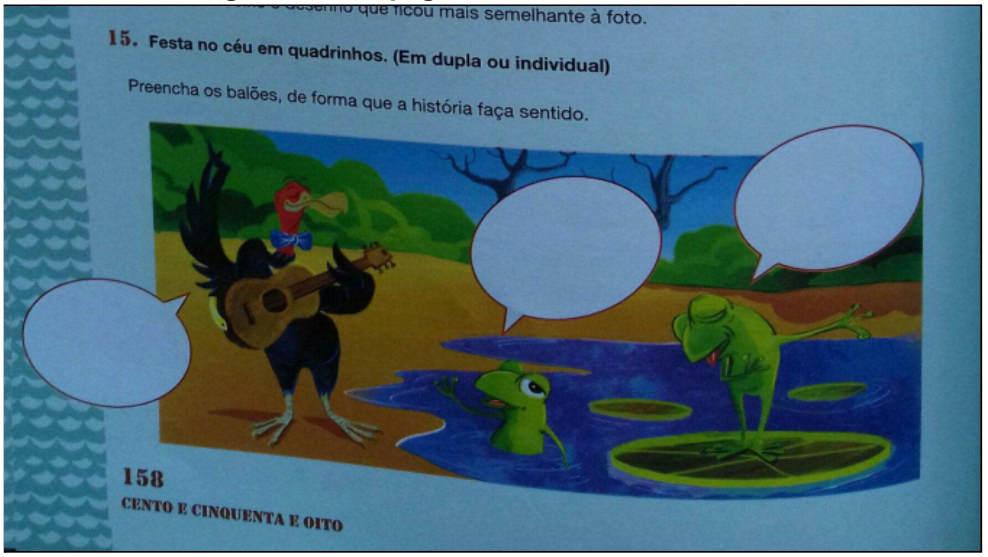
Mesmo trabalhando com o mesmo tema da rotina presente na HQ1, a HQ2 apresenta diferenças no que se refere ao uso dos quadrinhos, ao possibilitar que o aluno crie sua narrativa a partir da sequência que der aos quadros, que se apresentam aleatoriamente, diferentemente do que ocorre na HQ1. Isso confere liberdade criativa ao aluno.

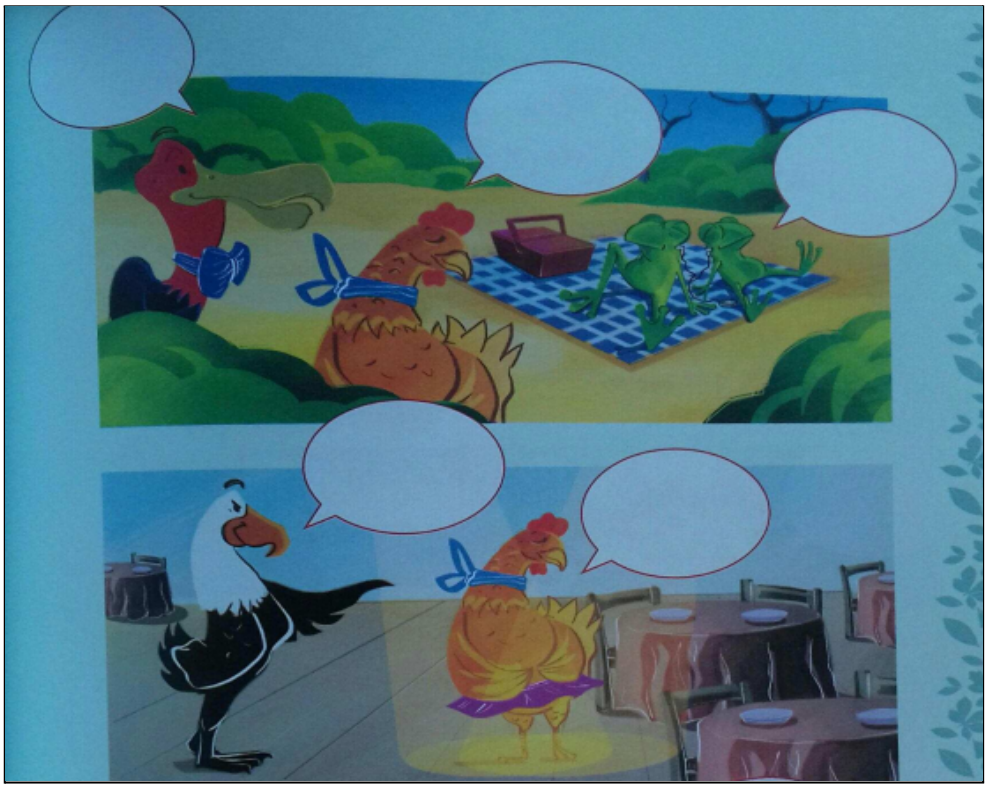
A continuação da atividade propõe questões disparadoras de produção oral, em que o aluno tem de falar sobre: o que fez na noite e no fim de semana anteriores; o que faz sempre no fim de semana, se estuda, se trabalha; se fez compras e o que comprou. Pode-se dizer que tal atividade, ao permitir que o estudante tenha como foco sua própria rotina, abre a possibilidade de expansão de experiências e de apropriação do léxico de modo indutivo (MARTÍNEZ,2013, p.16).

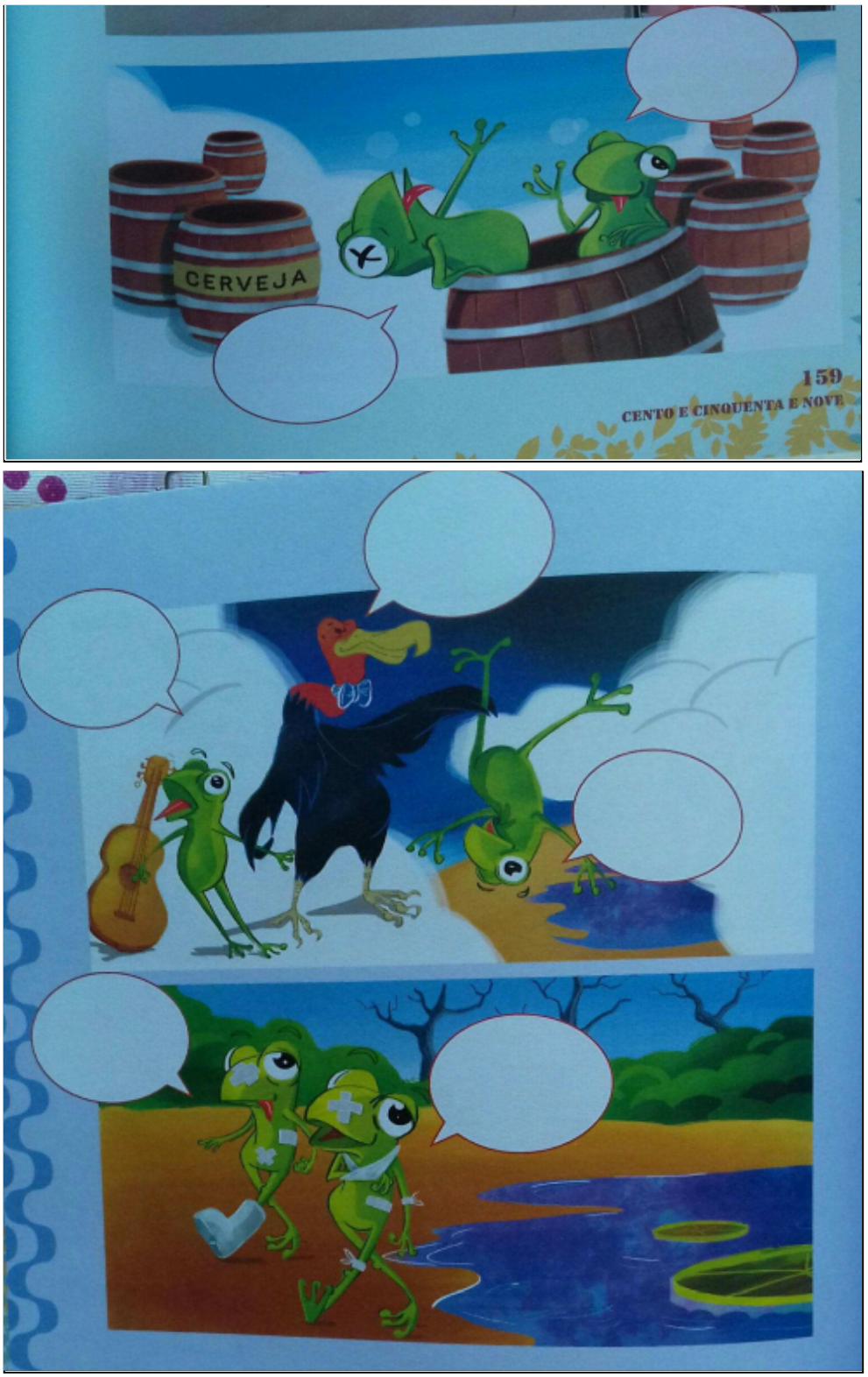
4.2.2 LD-2

O LD-2, voltado a crianças brasileiras expatriadas, insere-se no contexto de Português como Língua de Herança (PLH). No livro, encontra-se uma HQ - a HQ3 - que ocupa três páginas (p. 158-160). Isso ocorre em razão do tipo de exercício proposto, que estipula que o estudante escreva dentro de balões de fala.

Figura 9: HQ3, página 158 a 160 do LD-2







Fonte: GONÇALVES, Claudenir. Brasileirinho: português para crianças e pré-adolescentes. Rio de Janeiro: E.P.u.. p.158-160 , 2017

A HQ3 retrata uma sequência de ações realizadas pelas personagens criadas para a história “Festa no céu”, em uma versão resumida, tendo em vista

que, nas atividades anteriores, o conto foi bem explorado em exercícios de leitura e compreensão. No exercício em questão, as informações adquiridas pela leitura visual do texto são usadas para um exercício de produção escrita, em que o aluno tem de escrever as falas das personagens, como uma forma de averiguação de compreensão do que foi trabalhado nos quatorze exercícios anteriores, bem como de apreensão de vocabulário.

Como comentam Stradiotti, Diniz e Scaramucci (2009) essa solicitação de frases soltas em diálogo tem foco nos aspectos gramaticais e lexicais, que expressam uma visão estruturalista e avaliativa da língua. O ponto interessante dessa HQ3 é o trabalho com um conto popular brasileiro, trazendo conteúdo que pode ser comentado na linha de contos populares em que aspectos das culturas locais estão presentes.

4.2.3 LD-3

Por meio do levantamento realizado na primeira fase de categorização dos dados, foi possível averiguar que no LD-3 há a presença de 1 resultado com a quantidade de quadros necessária para ser considerado uma HQ. Trata-se da HQ4, presente no livro didático Estação Brasil, na página 28.

Antes de a HQ4 ser apresentada na unidade em que está inserida, solicita-se ao aluno ler e discutir um texto que trata de diferenças culturais e de como é complexo lidar com elas. Após essa discussão, a HQ4 aparece, em uma seção intitulada “Só rindo”, a qual é destinada a “textos lúdicos, eventualmente acompanhados de tarefas” (BIZON; PATROCÍNIO, p.8, 2017).

Figura 10: HQ4, página 28 do LD-3

só rindo

Luís Fernando Veríssimo - *As cobras*

Um pouco mais sobre questões culturais

O texto anterior – conversa entre o estadunidense e o chinês – ilustra como são delicadas as questões culturais. E, também, que falantes da mesma língua, em conversas do dia a dia, revelam estereótipos e juízos de valor, muitas vezes sem se darem conta. Um exemplo típico é a situação que você acabou de ler na tirinha do *Só rindo*. Veja algumas outras situações possíveis:

Situação 1:

Dois amigos estão conversando:

Pedro: – Eu? Deus me livre ter chefe mulher!

João: – Que bobagem! Eu tive uma que era tão capaz quanto um homem!

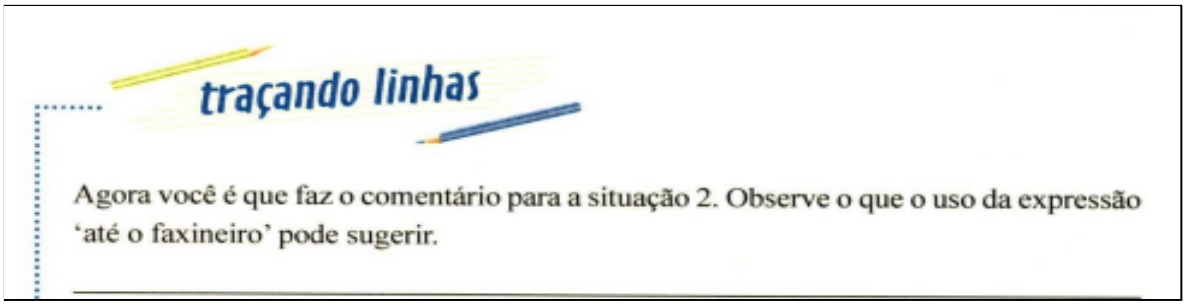
Comentário: apesar de João achar que estava defendendo as mulheres, sua fala revela que, na verdade, os homens é que sempre são capazes e ele teve sorte de ter tido uma chefe que tivesse capacidade semelhante à de um homem.

Situação 2:

Duas vizinhas estão conversando:

Léo: – Olha, eu não gosto da nova regra do meu condomínio. Acho um absurdo empregados subirem pelo elevador social.

Regina: – Que é isso! Eu não tenho esse preconceito. Trato todo mundo bem, até o faxineiro.



Fonte: BIZON, Ana Cecília Cossi; PATROCÍNIO, Elizabeth Fontão do. Estação Brasil. 2. ed. Campinas, SP: Editora Átomo, p.28-29, 2017.

A HQ4 é utilizada como contextualizador de um exercício oral de reflexão sobre questões culturais, identitárias e de estereótipos produzidos em práticas sociodiscursivas. Trata-se de uma HQ elaborada para o contexto externo ao LD, o que se evidencia pela presença de título e pela menção ao autor, Luís Fernando Veríssimo. Observando o exercício, o uso da HQ abre a possibilidade para uma discussão sobre a realidade do machismo em nossa sociedade, utilizando-o para uma reflexão para além do LD, como, no caso, questionar os "estereótipos e juízos de valor".

Como explicam Moraes e Correa (2010), a HQ4 aborda uma questão complexa, que é prototípica da sociedade brasileira, o machismo. A questão da HQ4 apresenta estereótipo e juízo de valor, entretanto, não trabalha com o aspecto linguístico presente no texto da tirinha, mas sim, nos exemplos subsequentes. Pode-se dizer que a HQ4 serve, inicialmente, apenas como pretexto ou como uma apresentação de um tópico identitário-cultural. É preciso considerar, contudo, que esse tópico, na sequência, é retomado em situações semelhantes, em cujos exercícios propõe-se ao aluno refletir sobre os efeitos do uso de determinados termos e expressões.

4.2.4 LD-6

No LD-6, destinado ao ensino de Português como Língua de Acolhimento, é possível encontrar 1 HQ. Nas questões que antecedem a HQ5, são abordadas diferenças entre os verbos *ser* e *esta*r, tendo exercícios de uso desses verbos sem nenhuma ligação do conteúdo dessas questões com a atividade da HQ.

Figura 11: HQ5, página 19 do LD-6

Fonte: REINOLDES, Marina; MANDALÁ, Paola de Souza; AMADO, Rosane de Sá. Portas Abertas: português para imigrantes. São Paulo, SP: Centro de Línguas da USP, Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (Smdhc) da Prefeitura Municipal de São Paulo, p.19, 2017.

Nessa HQ, encontra-se a personagem *Gaturro*, do autor argentino Cristian Dzwonik, demonstrando seus estados de ânimo de acordo com os dias da semana. A HQ, feita para o contexto externo ao LD, foi editada para se adequar à língua portuguesa, tendo os nomes dos dias da semana traduzidos. Além disso,os dias da semana oram tirados da ordem do idioma original, como se pode ver no quadrinho original a seguir:

Figura 12: HQ Gaturro original

Fonte: HQ *Gaturro - dias de la semana*. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/527484175076061419/> Acesso:28/06/21

Dois exercícios escritos acompanham a HQ5. Neles, o estudante tem de mencionar os dias da semana de que mais e menos gosta. Como já explicitado anteriormente tratra-se de um exercício que solicita a produção de frases soltas e não trabalha HQ como um gênero discursivo (STRADIOTTI; DINIZ; SCARAMUCCI, 2009), de forma a levar os alunos a se engajarem em situações mais próximas de uso da língua em práticas sociais. Também não propõe reflexão crítica sobre, por exemplo, determinados hábitos relacionados aos dias da semana, nem diálogo sobre as interpretações dos alunos de diferentes nacionalidades sobre o humor da personagem nesses dias e, muito menos, sobre possíveis diferenças entre o que é apresentado no original da HQ5 argentina em contraste com a interpretação dos dias da semana no contexto de construções culturais brasileiras - o que poderia ser solicitado se o original fosse inserido na atividade.

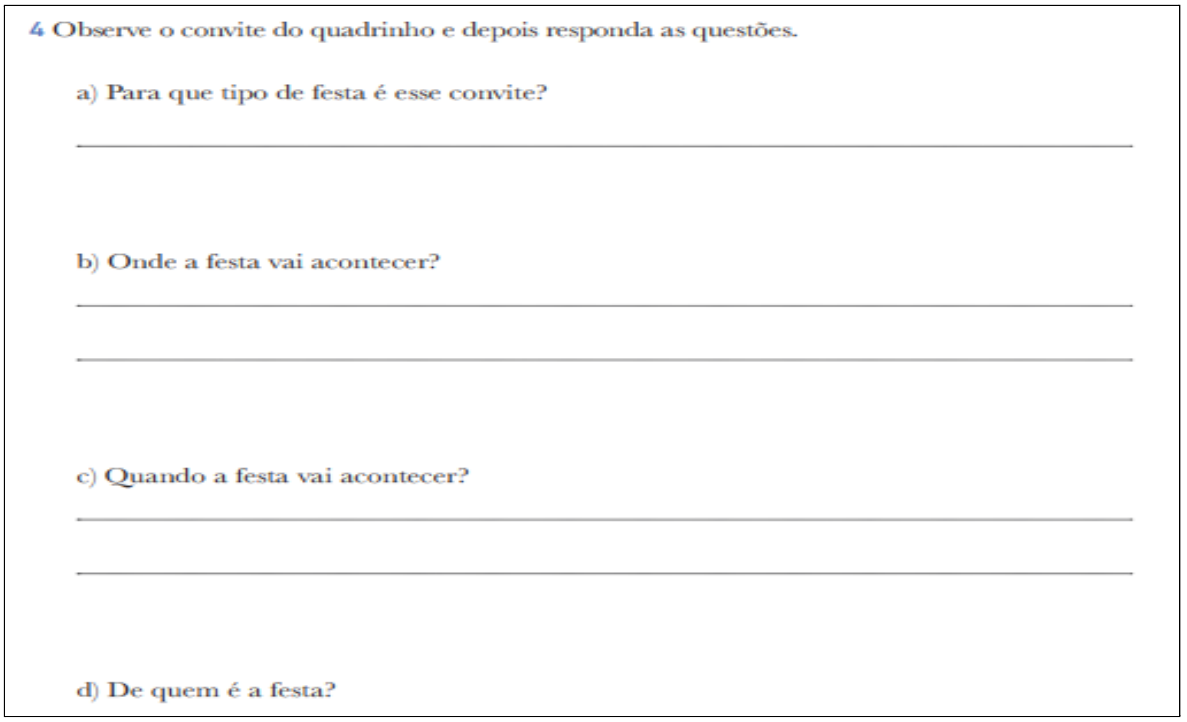
4.2.5 LD-7

O LD-7 é voltado ao público infantil surdo, portanto, é um livro de Português como Segunda Língua. Nele há duas ocorrências - a HQ6 (na página 66 do LD) e a HQ7 (na página 76).

As personagens Lili e Guto foram criadas para acompanhar os alunos ao longo do livro, interagindo com eles, o que já evidencia que a HQ não foi retirada do contexto social, sendo especialmente elaborada para o LD.

A HQ6 está inserida em uma série de atividades que envolvem festas e o evento de convidar as pessoas. Dessa forma, são trabalhados os diferentes tipos de festa e a elaboração de um convite, destacando-se as informações mais importantes: data, local, tipo de festa, quem está convidando, quem é o convidado — que são elementos do gênero convite.

Figura 13: HQ6, página 66-67 do LD-7


4 Observe o convite do quadrinho e depois responda as questões.

a) Para que tipo de festa é esse convite?

b) Onde a festa vai acontecer?

c) Quando a festa vai acontecer?

d) De quem é a festa?

Fonte: SILVA, Giselli Mara da; GUIMARÃES, Angélica Beatriz Castro. Português para crianças surdas: leitura e escrita no cotidiano. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2 v. Livro do professor. p.66-67, 2018.

A HQ6, intitulada “O convite”, mostra a personagem Guto entregando um convite para a personagem Lili. O fato de haver esse título auxilia os alunos na compreensão do conteúdo da HQ, ao indicar o assunto que será tratado. As informações decorrentes da leitura do texto são usadas para um exercício escrito, em que o aluno terá de informar os detalhes escritos no convite.

Como anteriormente mencionado, a HQ6 não é feita para o contexto externo ao LD, mas para atender à demanda dos exercícios, que, no caso, remetem ao trabalho com o gênero convite. O que se pede no exercício escrito é facilmente respondido por uma leitura de localização de informação no convite da HQ, entretanto, o gênero convite não é explorado em uma situação comunicação mais próxima da realidade, porque trata-se de uma atividade de compreensão escrita, de base estruturalista. A HQ6 é também utilizada em um exercício de produção oral, como se lê na orientação dada ao professor, antes do quadrinho. Faço notar que o desenho do envelope, que se abre sobre a HQ6, tanto pode ajudar como prejudicar a leitura, por estar se sobrepondo ao conteúdo da HQ.

A HQ7 versa sobre rotina, sendo ela o primeiro contato que o estudante terá com o assunto. A HQ7 foi por este trabalho entendida como sendo uma HQ pelo

fato de apresentar a rotina de uma personagem por meio de imagens em sequência, de forma ser possível depreender uma narrativa, como na de *Gaturro*; em ambas HQs são abordados acontecimentos diários, como é possível ver a seguir:

Figura 14: HQ7, página 76 do LD-7

ROTINA

O que você sabe sobre este assunto?

Professor(a), pergunte aos alunos se eles fazem todas essas atividades e se eles fazem outras além dessas. Converse com os alunos sobre o fato de fazermos atividades todos os dias, com certa regularidade em determinados períodos do dia. Depois deixe que os alunos observem a ilustração da rotina da Lili. Objetivos: introduzir o tema rotina e sondar os conhecimentos prévios do aluno referentes ao tema.

O que você faz diariamente? Todos os dias você faz as mesmas coisas: acorda, toma banho, vai para a escola, estuda em casa, etc.?
Observe as imagens abaixo que mostram a rotina da Lili:

Professor (a), inicialmente, pergunte aos alunos como são em Libras as expressões referentes às atividades realizadas pela Lili. Depois, deixe que os alunos tentem realizar a atividade ligando as imagens às expressões em português.
Objetivo: desenvolver e fixar o vocabulário relativo às expressões em português correspondentes às atividades de rotina.

1 Agora converse com seu professor e seus colegas.

a) Como é a rotina da Lili?
b) A rotina dela é parecida com a sua? Conte para os seus colegas como é a sua rotina diária.

Fonte: SILVA, Giselli Mara da; GUIMARÃES, Angélica Beatriz Castro. Português para crianças surdas: leitura e escrita no cotidiano. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2 v. Livro do professor. p.76-77, 2018.

Por ser um livro para surdos, as atividades referentes à HQ7 são realizadas por meio de diálogo por LIBRAS, leitura de texto imagético e texto escrito em português. O diálogo inicial dessa unidade do livro propõe que o professor contextualize o tema rotina, para socializar o conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto. Esse diálogo servirá de andaime para que o estudante melhor compreenda a HQ7. Na sequência o professor solicita a leitura propriamente dita, e a atividade termina com mais uma conversa em LIBRAS sobre a rotina da personagem. Logo depois, a conversa propõe focalizar a rotina pessoal dos alunos, de forma que as ações retratadas nela tornem-se vocabulário em LIBRAS para o aluno. Assim, não há o trabalho com o gênero HQ, pois, como explicam Stradiotti; Diniz; Scaramucci (2009), a leitura das imagens está servindo de meio para o trabalho com questões lexicais, no caso, em LIBRAS.

4.2.6 LD-8

No LD-8, registra-se 1 ocorrência de HQ - a HQ8 -, que apresenta a mesma HQ do LD-6, a saber, a HQ5 de *Gaturro*. Assim, após a apresentação da HQ8, a seguir, vou me ater somente às atividades geradas a partir do quadrinho, pois é o que se mostra diferente.

Antes da HQ8 aparecer no LD-8, há uma pequena introdução aos dias da semana, destacando-se como fazem parte da rotina das pessoas, e como sua interpretação varia de cultura para cultura. Faço notar que a HQ8 altera a ordem dos dias da semana, iniciando o quadrinho na terça-feira, enquanto a HQ5 inicia o quadrinho na segunda-feira. A meu ver, isso faz mais sentido em relação às construções cultural-identitárias brasileiras.

Figura 15: HQ8, da página 24 do LD-8

A organização da semana, assim como as atividades que são realizadas no dia a dia, é composta de acordo com a cultura do local onde se vive. Agora, vamos acompanhar a rotina do gatinho Gaturro:

Exercícios

1) De acordo com a tira cômica, qual é o dia da semana que Gaturro mais gosta? Você sabe dizer o porquê?

2) Anote as coisas que você acha que são mais diferentes da sua rotina no Brasil em comparação com a rotina que você tinha no seu país de origem.

Fonte: ROCHA, Beatriz Silva; CANDIDO, Ingrid Caroline Albuquerque; REINOLDES, Marina. Recomeçar: língua e cultura brasileira para refugiados. São Paulo, SP: Memoref - Cultura, Memória e Identidade, Universidade Federal de São Paulo, p. 24 . s.d.

As informações adquiridas pela leitura da HQ8 são usadas para duas atividades escritas. Em uma delas, o aluno terá de localizar qual é o dia da semana de que *Gaturro* mais gosta e o porquê disso. Em outra questão, o estudante terá de comparar a rotina em seu país de origem com a rotina no Brasil. Mais uma vez, não se contempla um trabalho com o gênero discursivo HQ, sendo apenas proposto uma atividade de escrita, com a HQ como pretexto para essa atividade (STRADIOTTI; DINIZ; SCARAMUCCI, 2009). Importante ressaltar que, diferentemente das atividades feitas para a HQ5, a HQ8 aborda as diferenças culturais e identitárias dos alunos com relação ao que é mostrado no quadrinho.

4.3 Análise geral das HQs após Categorização II

Nesta seção final da análise, discorro a partir de categorias da HQ elencadas no Quadro 4, o qual copio aqui para atribuir legibilidade somente para as categorias não tachadas.

Quadro 5: Repetição do Quadro 4 de Como considero HQ e sua utilização nos LD-PLE

Características da HQ	~~- Haver 3 ou + quadros;~~ ~~- Ter ou não fala;~~ ~~- Retratar sequência de ações;~~ ~~- Ter personagens desenhados;~~ ~~- Ter sarjetas no tamanho como função de guiar a leitura;~~ - Ser feita para o contexto cultural-social brasileiro (não para o LD); - Ser de autoria de quadrinista brasileiro ou estrangeiro radicado no Brasil;
Utilização da HQ no LD-PLE	- Ser parte de uma atividade de produção oral, compreensão oral, produção escrita e compreensão escrita; - Ser tratado como gênero; - Ter atividades que abordem o aspecto comunicacional/dialógico; - Ter atividades que vão além das estruturais, como foco em gramática, léxico etc; - Ter atividades que desenvolvam atividades de compreensão e produção oral e escrita que envolvam questões culturais

Fonte: Tápias Oliveira (2021)

Com relação à HQ ser feita para o contexto cultural-social brasileiro, ou seja, HQ feita sobre/para o contexto social brasileiro e não para o LD, a análise mostrou que somente há uma HQ - “As cobras”, de Luís Fernando Veríssimo, presente no LD-5. Isso pode indicar que há as editoras de quadrinistas famosos cobram valores altos para disponibilizar as HQs nos LDs, ou que para os autores de LDs de PLE é mais importante que os quadrinhos sejam um meio para o ensino de léxico ou gramática, como menciona Martínez (2013, p.21).

Ainda ao que se refere a identidades nacionais, é possível afirmar que a nacionalidade da maioria dos ilustradores dos LDs pesquisados é brasileira. Já em relação à nacionalidade dos quadrinistas, um é brasileiro e o outro é argentino. Isso talvez, somado às questões propostas na LD, explique o fato de que as atividades desenvolvidas com as HQs sejam mais alinhadas à compreensão e produção oral/escrita e menos a questões identitário-culturais. Nesse sentido, somente as HQs 4 e 8 trabalham com a cultura brasileira, usando diferentes recursos.

Todos os LDs analisados possuem alguma atividade relacionada às HQs, seja ela de produção oral (em português ou em LIBRAS), compreensão oral, produção escrita ou compreensão escrita. Pela minha análise, existe o aspecto comunicacional e dialógico em cinco das oito HQs (a saber HQ1, HQ2, HQ4, HQ7 e HQ8). Constata-se também que todos os livros possuem algum exercício que vai além da estrutura gramatical e do léxico. Entretanto, como já mencionei, as HQs não são exploradas como gênero discursivo em nenhum dos 7 LDs.

Após as análises de todas as HQs dos LDs pesquisados, **respondo à segunda pergunta de pesquisa**: “Qual tipo de atividade, com as HQs, é mais recorrente nesses LDs?”. Pelo que foi possível observar, as atividades geradas a partir das HQs, em sua maioria, **são atividades de prática de vocabulário e as HQs são o meio para essas práticas**.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez respondidas as duas perguntas de pesquisa, inicio minhas considerações retomando o objetivo principal deste estudo: **identificar a presença e a utilização de HQs em livros didáticos de PLE**.

Pude verificar que, dos 7 livros selecionados, 6 não possuem quadrinhos com todos os requisitos definidos neste trabalho: 3 ou mais quadros; com ou sem fala; retratar sequência de ações; personagens desenhados; ter sarjetas no tamanho como função de guiar a leitura; ser feita para o contexto cultural-social brasileiro, não para o LD; autoria de quadrinista brasileiro ou estrangeiro radicado no Brasil.

Nas 8 ocorrências de HQs, há 3 que foram elaboradas para o contexto externo ao LD, havendo apenas 1 HQ nacional (HQ4). As outras 2 são a mesma HQ produzida por um autor argentino (HQ5 e HQ8). Os demais quadrinhos são obras produzidas para os livros didáticos, ou seja, não circulam na sociedade brasileira por meios sociais-culturais que não sejam a escola ou ambientes de ensino.

Como foi possível ver na análise de dados, o emprego da HQ como gênero[19] discursivo ainda é incipiente. Várias razões poderiam ser levantadas: uma delas é a de que é complexo operacionalizar a concepção discursiva no ensino; outra, de que os autores não têm essa concepção mesmo, se pautando ainda em perspectivas gramaticalistas ou comunicativas de ensino de língua estrangeira; mais uma razão possível é que editoras investem pouco na publicação de livros de PLE, porque é uma venda ainda pequena, e isso, então, inviabiliza uma série de pré-requisitos para a produção de um livro em bases discursivas, como o uso de textos autênticos (o que custa caro) etc. Acredito que, em um futuro próximo, o reconhecimento da importância de HQs autênticas seja uma realidade nos LDs de PLE. Acrescento ser necessário o trabalho com HQs autênticas, que abordem questões relacionadas à sociedade brasileira (com os mais diversos conteúdos temáticos), além de questões culturais e identitárias,de maneira a não aplanar

[19] Entendido aqui como o trabalho da HQ como um texto que merece ser analisado discursivamente, tendo um espaço no LD que o manege mais do que um exemplo ou um espaço lúdico.

narrativas, recursos linguísticos e imagéticos, propondo assim, discussões que realmente possam contribuir para a formação crítica do estudante.

Este trabalho me permitiu entender que o LD precisa expandir seu modo de ensinar e avançar para além de concepções tradicionalistas. Ademais, como dizem Martínez (2013) e Cavalcante, Gomes e Tavares (2014), as atividades do LD do futuro precisa se configurar como um meio para desenvolver a criatividade dos estudantes , além de um meio de comunicação com o mundo. Nesse sentido, analisar a HQ em LDs de PLE me permitiu observar a importância da formação do professor. É essa formação que lhe permitirá fazer escolhas de materiais didáticos que contemplem sua visão de língua(gem), ensinar e aprender. É essa formação

REFERÊNCIAS

APPIAH, K.A.. The politics of identity. **Daedalus**, v. 135, n. 4, p. 15-22, 2006.

BARBOSA, A. V. A. **Histórias em quadrinhos sobre a história do Brasil em 1950**: a narrativa dos artistas da EBAL e outras editoras. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Comunicação). São Paulo: USP, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed.. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2010.

BIZON, A. C. C.; PATROCÍNIO, E. F.. **Estação Brasil**. 2. ed. Campinas, Sp: Editora Átomo, 2017.

BIZON, A. C. C. ; PATROCÍNIO, E. M. F.; DINIZ, L. R. A. **Mano a Mano. Português para Falantes de Espanhol.** London: Routledge, vol 1, 2021.

BRAGA JR, A. X. Quadrinho Brasileiro ou Nacional? Tem diferença ou É tudo igual?. **Arte Sequencial em Perspectiva Multidisciplinar**, p. 7, 2015.

CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque; DE JESUS SILVA, Gledson; SANTOS, Alan S. Identidade e diferença nas Histórias em Quadrinhos: construção do discurso multicultural. **Arte Sequencial em Perspectiva Multidisciplinar**, p. 23, 2015.

CAVALCANTE, Maria J. M.; GOMES, Antonia C. A.; TAVARES, Lúcia H. M. C.. As Histórias em Quadrinhos no Livro Didático de Português: Uma Análise Multimodal. In: **XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014)**. **-.** João Pessoa, PB: Alfal 2014, 2014. v. 17, p. 1678-1696. Disponível em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0723-2.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.

DA SILVA, Tomaz Tadeu et al. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes**, p. 73-102, 2000.

DA SILVA TENORIO, Thaís. O nacionalismo que diverte: a produção de uma identidade nacional e os quadrinhos no início de 1960. **Imaginário!**, n.18, p.89-117, jun de 2020.

DESAFIOS da Identidade no Mundo Contemporâneo - Parte 1. **Direção de Café Filosófico**. Produção de Governo do Estado de São Paulo e Fundação Padre Anchieta. Coordenação de Benilton Bezerra Jr. e Jurandir F. Costa. Intérpretes: -. Roteiro: -. Música: -. Instituto Cpfl - Campinas, 4 de abril de 2021. Parte 1 (49 min 50 s.), Youtube, son., color. Série Síntese da série. -. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5FquZxi-dB8>. Acesso em: 16/04/2021.

DOS SANTOS, Roberto Elísio. O caos dos quadrinhos modernos. **Comunicação & Educação**, n. 2, p. 53-58, 1995.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial:** princípios e práticas do lendário cartunista. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERNANDES ALVES, Bruno. **Superpoderes, malandros e heróis: o discurso da identidade nacional nos quadrinhos brasileiros de super-heróis**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 2003.

FERREIRA, Gabrielle. **O que é e-girl? Veja o que significa a nova moda e estilo da Internet**. TechTudo. 04/10/2019. Disponível em:<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/10/o-que-e-e-girl-veja-o-que-significa-a-nova-moda-e-estilo-da-internet.ghtml>. Acesso:08/06/21.

GONÇALVES, C. **Brasileirinho**: português para crianças e pré-adolescentes. Rio de Janeiro: E.P.u., 2017. 264 p. (-). -.

GUIMARÃES, E. Uma caracterização ampla para a história em quadrinhos e seus limites com outras formas de expressão. In: **XXII Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação**. 1999.

GUIMARÃES, E. Alguns heróis brasileiros de quadrinhos. In: **Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos**. Suplemento do IQ. vol.4. Set/out 2017. Disponível em: <http://www.marcadefantasia.com/revistas/ego/outras-edicoes.html>. Acesso: 20/05/21.

ITO, D. Y. Y. **Notas do tradutor, análise da (des)necessidades em explicar o mangá Drifters**. 2021. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras - Português, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2021.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas: Pontes/Unicamp, 1993.

LOUBAK, A. L. **O que é e-boy? Veja o que significa a nova moda e estilo da Internet**. TechTudo. 27/01/2020. Disponível em:<https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/01/o-que-e-e-boy-veja-o-que-significa-a-nova-moda-e-estilo-da-internet.ghtml>. Acesso:08/06/21

MARTÍNEZ, I. I G. **El Cómic como Recurso Didáctico en el Aula de Español como Lengua Extranjera**. 2013. 60 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enseñanza de Español Como Lengua Extranjera, Centro Internacional de Estudios Superiores del Español (Ciese), Universidad de Cantabria. Comillas, Cantábria (Espanha), 2013. Caps. 7. Disponível em: <http://200.119.126.32/handle/20.500.12209/3220>. Acesso em: 06 jun. 2021.

MARTINS, D. **Turma da Mônica – Origem, Maurício de Sousa e personagens**. 25/06/2020. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/turma-da-monica-origem/>. Acesso em: 08 jun. 2021.

MAZINHO. **50 anos Turma da Mônica: Turma do Papa-Capim**: tribo de índios (estilizados) que vive na amazônia (no passado), é usada por Maurício para passar mensagens ecológicas.. Tribo de índios (estilizados) que vive na Amazônia (no passado), é usada por Maurício para passar mensagens ecológicas. 29 de maio de 2013. Disponível em:

<https://blogmaniadegibi.com/2013/05/50-anos-turma-da-monica-turma-do-papa-capim/>. Acesso em: 09 jun. 2021.

MEDRANO, C. **El storyboard**. México, México, 2009.

MEIRELES, Selma Martins. O mito nas histórias em quadrinhos: um exemplo a partir dos mangás. **Revista eletrônica Agaquê, ano**, v. 3, 2005.

MORAES, M. M.; CORREA, D A. HISTÓRIA EM QUADRINHOS E SUAS MULTIFACETAS NA EDUCAÇÃO. In: **Anais do XIX Encontro Anual de Iniciação Científica (EAIC)**, Guarapuava, Pr: Unicentro, 2010. v.19, p. 1-4 (do pdf). Disponível em: https://anais.unicentro.br/xixeaic/pdf/2413.pdf. Acesso em: 06 jun. 2021.

NEVES, S. C. **A História em Quadrinhos como Recurso Didático em Sala de Aula**. 2012. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Universidade de Brasília. Palmas, TO, 2012.

OLIVEIRA, J. F.; MARRA, J. A. R.; FASSON, Karina; SANTOS, N. M.; PEREIRA, R. C.; OLIVEIRA, T. A.. **Pode Entrar**: português do brasil para refugiadas e refugiados. São Paulo, SP: Curso Popular Mafalda, Caritas Arquidiocesana de São Paulo e Acnur, 2015.

PONCE, M. H.; BURTIM, R. B; FLORISSI, S. **Bem-Vindo!**: a língua portuguesa no mundo da comunicação. 6. ed. São Paulo: Special Book Services Livraria. p. 220. 2004.

RAMONE, M. **Notícias, A Turma do Pererê completa 55 anos**. 1 de outubro de 2015. Disponível em: <https://universohq.com/noticias/a-turma-do-perere-completa-55-anos/>. Acesso em: 08 jun. 21.

REINOLDES, M.; MANDALÁ, P. S.; AMADO, R. S. **Portas Abertas**: português para imigrantes. São Paulo, Sp: Centro de Línguas da USP, Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (Smdhc) da Prefeitura Municipal de São Paulo, 2017.

ROCHA, B. S.; CANDIDO, I. C. A.; REINOLDES, M. **Recomeçar**: língua e cultura brasileira para refugiados. São Paulo, SP: Memoref - Cultura, Memória e Identidade. Universidade Federal de São Paulo, s.d.

SAMPIERI, Collado; COLLADO, Carlos Fernández. Lucio. **Metodología de Investigação**, v. 4, 2013.

SILVA, G. M.; GUIMARÃES, A. B. C. **Português para crianças surdas**: leitura e escrita no cotidiano. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2 v. Livro do professor. 2018.

SORISE, G. **Primeira revista da Turma da Mônica era publicada há 50 anos**: o gibi, reunindo histórias das crianças do bairro do limoeiro, foi lançado em maio de 1970. O gibi, reunindo histórias das crianças do bairro do Limoeiro, foi lançado em maio de 1970. 27 de maio de 2020. Atualizado 28 de maio de 2020. Disponível

em: https://segredosdomundo.r7.com/turma-da-monica-origem/. Acesso em: 08 jun. 2021.

STRADIOTTI, Lúcia Mantovani; DINIZ, Leandro RA; SCARAMUCCI, Matilde Virginia Ricardi. Uma análise panorâmica de livros didáticos de português do Brasil para falantes de outras línguas. **O livro didático de língua estrangeira. Múltiplas perspectivas. Campinas: Mercado de Letras**, p. 265-304, 2009.

TÁPIAS-OLIVEIRA, E. Mattos. **Construção identitária profissional no Ensino Superior**: prática diarista e formação do professor.. 2006. Tese (Doutorado) - IEL-DLA, Unicamp, Campinas, SP, 2006. Cap. 4.

VALE, J. P. C. . **Mangás: mídia que transmite conhecimento cultural**. 2016. 27 f. Monografia (Publicidade e Propaganda), Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2016.

WOODWARD, K.. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org.); HALL, S.; WOODWARD, K.. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, Rj: Editora Vozes, 2000.